

UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE JORNALISMO

LETÍCIA ANCHIETA DE MOURA

A TRAJETÓRIA DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

IJUÍ (RS)

2021

LETÍCIA ANCHIETA DE MOURA

A TRAJETÓRIA DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo, como requisito parcial, para aprovação na disciplina de Monografia, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ.

Professor Orientador: MS. ANDRÉ GAGLIARDI

IJUÍ (RS)

Dezembro, 2021

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso
A TRAJETÓRIA DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Elaborado por

LETÍCIA ANCHIETA DE MOURA

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Regional
do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Banca Examinadora:

Professor Mestre André Gagliardi

Orientador

Professora Doutora Gisele Corrêa Noll

Banca

IJUÍ (RS)

Dezembro, 2021

RESUMO

Este trabalho retrata a trajetória da mulher no jornalismo esportivo, trazendo aparatos históricos, desde a legalização da participação da mulher em competições esportivas, como os Jogos Olímpicos e a criação da Copa do Mundo de Futebol Feminino, bem como, a entrada da mulher no jornalismo e a luta da mulher para conquistar o seu espaço no jornalismo esportivo.

Já que nos primórdios das grandes competições esportivas do mundo, as mulheres eram proibidas de assistir e participar, sob vigência de pena de morte, uma restrição comum durante a Grécia Antiga. Sobre a mulher no jornalismo, inicialmente eram deslocadas a editorias como moda e lazer. Apenas na década de 1940, o Brasil viu uma mulher trabalhar com esportes no jornalismo.

Sobre a metodologia, a pesquisa foi desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e de natureza aplicada, foram realizadas entrevistas com duas jornalistas de diferentes meios de comunicações, para entender quais os percalços uma mulher que trabalha na área do esporte enfrenta. Também foi acompanhado todos os jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A e B (primeira e segunda divisão), com o objetivo de contabilizar a participação feminina de narradoras e comentaristas nas transmissões esportivas da competição nacional.

As mulheres foram conquistando o seu espaço dentro do jornalismo esportivo e provando que podem atuar em todas as áreas, com grande competência e por seus próprios méritos.

Palavras-chave: Mulher, Jornalismo, Esporte, Luta, Direitos Iguais

ABSTRACT

This work portrays the trajectory of women in sports journalism, bringing historical apparatuses from the legalization of women's participation in sports competitions, such as the Olympic Games and the creation of the Women's World Cup Soccer, as well as the entry of women journalism and the struggle of women to conquer their space in sports journalism.

Since in the early days of the world's great sporting competitions, women were prohibited from watching and participating, under the death penalty, a common restriction during ancient Greece. About women in journalism, they were initially displaced to editorials such as fashion and leisure. Only in the 1940s, Brazil saw a woman working with sports in journalism.

About the methodology, the research was developed through bibliographic and applied research interviews were carried out with two journalists from different media, in order to understand the difficulties a woman who works in the field of sport faces. All games of the Brazilian Football Championship of Serie A and B (first and second division) were also followed, with the objective of counting the female participation of narrators and commentators in the sports broadcasts of the national competition.

Women have been conquering their space within sports journalism and proving that they can act in all areas, with great competence and on their own merits.

Keywords: Woman, Journalism, Sport, Fight, Equal Rights

SUMÁRIO

INTODUÇÃO	07
1. Referencial Teórico	11
1.1Jornalismo	11
1.2 História do Jornalismo Esportivo	14
1.3 Jornalismo Esportivo no Brasil	16
1.4 O Ingresso da Mulher no Jornalismo Esportivo.....	19
2. Metodologia da Pesquisa	24
2.1 Classificação da Pesquisa	24
2.2 População e Amostra	26
2.3 História da Narração Esportiva no Brasil	28
2.4 Narração Esportiva na Televisão.....	32
2.5 Inserção das Mulheres na Narração Esportiva	36
2.6 Inserção dos Comentaristas nas Transmissões Esportivas.....	39
CONCLUSÃO	50
REFÊRENCIAS	52

INTRODUÇÃO

Desde o início dos tempos, as mulheres têm a sua utilidade relacionada e designada apenas para o cuidado do lar e dos filhos. Uma situação atual onde mostra como a sociedade enxergava as mulheres e como essa misoginia estava enraizada dentro das pessoas foi o programa desenvolvido por Heinrich Himmler, durante o governo nazista na Alemanha da década de 1930 e 1940, chamado de *Lebensborn* (A fonte da vida). O programa foi lançado em 1935, onde selecionava e encorajava as mulheres alemãs a terem relações sexuais com oficiais da SS, tendo como objetivo a concepção de crianças arianas. Juntamente com todas as atrocidades que representam o nazismo, isso é só mais uma prova de como a mulher era vista pela sociedade, como apenas uma reprodutora.

Desta forma, a inserção da mulher no âmbito esportivo, um ambiente considerado tradicionalmente masculino, não foi fácil. Trazendo inicialmente um parâmetro sobre a participação feminina dentro da principal competição esportiva do mundo, os Jogos Olímpicos, as mulheres só vieram a poder participar na segunda edição dos Jogos da Modernidade, em 1900, em Paris, sendo apenas 22 atletas, o que representava apenas 2,2% dos atletas presentes na competição. Levando em consideração que as Olimpíadas foram criadas na Grécia Antiga, é uma inserção tardia de apenas 121 anos. Felizmente, nas Olimpíadas de Tóquio, sediadas em 2021, em função da Pandemia do Coronavírus, este número aumenta para incríveis 48%, sendo assim o maior percentual de mulheres em uma edição dos Jogos Olímpicos. (PINHEIRO, 2020, n/p).

A primeira brasileira a participar de uma Olimpíada foi a nadadora Maria Leck, na edição de 1932 e em 1964, nos Jogos de Tóquio, Aida dos Santos foi a primeira brasileira a chegar em uma final no Olímpica, ficando na quarta colocação, na modalidade de salto em altura. No entanto, apenas em 1996, na edição sediada em Atlanta, nos Estados Unidos, que uma brasileira chegou ao pódio, e não foi apenas uma, mas sim quatro brasileiras, as duplas Sandra Pires e Jaqueline Silva e Adriana Samuel e Mônica Rodrigues, fizeram a

final feminina no vôlei de praia, assim conquistando para o Brasil as medalhas de ouro e prata. (ZALCMAN, 2020, n/p).

Outra inserção tardia da mulher foi no futebol, a maior competição da modalidade, a Copa do Mundo, teve a sua primeira edição em 1930, para os homens. No entanto, a Copa do Mundo Feminina só viria ser criada em 1991, sendo realizada nos Estados Unidos, mais de 60 anos depois da primeira edição do futebol masculino. Um fator que agravou a inserção feminina no âmbito esportivo e conseqüentemente no jornalismo esportivo é o fato de se existir um estereótipo dentro da sociedade de que, as meninas têm que majoritariamente brincar com bonecas, enquanto os meninos obrigatoriamente precisam brincar de bola.

Já no jornalismo esportivo, as primeiras mulheres brasileiras a integrarem na área foram Maria Helena Rangel e Mary Zilda Grássia Sereno, nas décadas de 1940 e 1950. (DANTAS, 2015, p 9). É pertinente explicar que assim como em tantas áreas do mercado de trabalho e da vida em si, as mulheres enfrentaram e enfrentam muitos obstáculos, por exemplo, até o século XIX, as mulheres não possuíam acesso à educação, já que para a sociedade da época mulheres que possuíssem conhecimento e tivessem suas próprias opiniões não conseguiriam se casar e como já foi mostrado anteriormente, as mulheres até meados do século XX, apenas eram vistas como reprodutoras e importantes para o cuidado do lar e dos filhos. Somente em 1827 as mulheres puderam cursar o ensino fundamental e enfim em 1879, puderam ingressar no ensino superior. (RIBIO, VELOSO CAMPOS, 2019, p.5 e 6).

A entrada da mulher no jornalismo tem início a partir do século XIX, porém, as jornalistas sempre ficavam responsáveis por editoriais de menor expressão como moda, casa e lazer. Só em 1947, com Maria Helena Rangel que as mulheres foram inseridas no jornalismo esportivo, a qual atuou como repórter esportiva durante seis anos, no Gazeta Esportiva, principalmente na cobertura de campeonatos de vôlei e basquete. (DANTAS,2015, p.37). Outra pioneira no jornalismo esportivo foi Mary Zilda Grássia Sereno, que atuou como fotojornalista sendo especialista em jogos de futebol.

Segundo a FPF¹, Germana Garili é a primeira mulher a fazer coberturas de campo em jogos de futebol, Germana também atuou como

¹Federação Paulista de Futebol, fundada em 1941, é localizada no estado de São Paulo.

colunista esportiva desde 1960. Na rádio, Regiani Ritter, que iniciou sua carreira no jornalismo esportivo em 1980, como repórter de campo e comentarista na Rádio Gazeta, ela cobriu três Copas do Mundo e também os jogos do clube de futebol São Paulo. (DANTAS, 2015, p.38).

Martha Esteves foi a pioneira em cobrir os vestiários nos jogos de futebol, no estado do Rio de Janeiro, durante a década de 1980. Já na televisão, Isabela Scalabrini, jornalista da Rede Globo, foi a pioneira da emissora na área do esporte, na década de 1980 Isabela integrou a equipe do programa atualmente diário, Globo Esporte, realizando coberturas de diversas modalidades esportivas. Ainda sobre a Rede Globo, se tem registros de que a pioneira na área do esporte foi a jornalista Monika Leitão, a qual participou da cobertura dos Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 e do Pré-Olímpico de basquete no mesmo ano, Monika assumiu em 1996 o comando do programa dominical Esporte Espetacular. (DANTAS,2015, p.39 e 40).

A pioneira na cobertura do campeonato automobilístico mais importante do mundo, a Fórmula 1 na década de 1980, foi Alaíde Pires, a qual acompanhou grandes campeões da categoria como Ayrton Senna e Nelson Piquet. Atualmente, a grande referência na cobertura da modalidade é a gaúcha Mariana Becker, que está desde 2008 cobrindo o campeonato, doze anos pela Rede Globo e desde 2021 está fazendo a cobertura pela Rede Bandeirantes.

Citando ainda a cobertura de grandes eventos esportivos realizadas por mulheres, podemos citar Fatima Bernardes, que se destacou bastante a cobrir a seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 2002, no Japão e na Coreia do Sul, chegando a receber o título de “Musa da Copa”, Fatima ainda cobriu a seleção na Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha. Todavia, a primeira mulher a cobrir a seleção brasileira em uma Copa do Mundo foi, a repórter Ana Zimmerman, em 1998, na França. (DANTAS,2015, p.40).

Com a chegada dos anos 2000, conseguimos encontrar cada vez mais mulheres atuando no jornalismo esportivo, mas não apenas como repórteres, mas também como comentaristas e narradoras, principalmente em jogos de futebol masculino, esporte esse que no Brasil por mais de 40 anos foi comentado e narrado apenas por homens. É importante frisar que, com a “invasão” das mulheres em áreas que até pouco tempo eram ocupadas

majoritariamente por homens, significa que a sociedade avança cada dia mais para um futuro de igualdade entre os gêneros, e formando um mundo onde as mulheres possam livres para fazer e ser o que quiserem, bem como, um futuro onde seja avaliado a sua competência e não o seu gênero para conseguir uma vaga de emprego e para finalizar, que os salários sejam estabelecidos pelo seu cargo e não por ser homem ou mulher.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico, também conhecido como fundamentação teórica, é considerada uma das partes mais importantes de um TCC. É neste item de um trabalho que ocorre uma revisão geral das pesquisas e das discussões realizadas sobre um tema que será abordado no trabalho. Através do referencial teórico, o trabalho ganha mais qualidade científica, onde se pode verificar o estado do trabalho, utilizando aparatos teóricos já desenvolvidos. Em outras palavras, é com o referencial teórico que é mostrado que se tem total conhecimento sobre o que será e o que foi pesquisado no trabalho. (MARTINS,2019, n/p).

Com isso, neste trabalho, o referencial teórico será abordado em quatro itens, os quais serão discutidos assuntos pontuais totalmente ligados ao tema central que é a Trajetória da Mulher no Jornalismo Esportivo. Portanto, no referencial teórico será detalhado sobre a história do jornalismo, desde sua origem até a era que vivemos hoje, a história do jornalismo esportivo no mundo, como o esporte entrou nos periódicos mundiais e veio ganhando força ao longo dos anos, o jornalismo esportivo no Brasil, trazendo os primórdios da inserção do esporte nos periódicos brasileiros até o momento em que estamos vivendo e por fim, a inserção da mulher no jornalismo esportivo, trazendo aparatos históricos de nível mundial, no entanto com o foco principal na participação da mulher no jornalismo esportivo brasileiro.

1.1 JORNALISMO

O jornalismo é a atividade que consiste em lidar com notícias, dados factuais e divulgação de informações. Também pode-se definir o jornalismo como a prática de coletar, redigir, editar e publicar informações sobre eventos atuais. O jornalismo é uma atividade de comunicação. A gênese do jornalismo situa-se na Antiguidade Clássica, com a criação do primeiro jornal durante o Império de Júlio Cesar, o Acta Diurna, criado em 59 a.C. Havendo

uma retomada na Idade Média, graças ao Renascimento, ao desenvolvimento do espírito iluminista da Ilustração e à satisfação das necessárias condições técnicas com criação da Prensa de Gutemberg por volta de 1430. (ABI,2014, n/p)

A revolução do nosso presente é, com toda certeza, mais que a de Gutenberg. Ela não modifica apenas a técnica de reprodução do texto, mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores. O livro impresso tem sido, até hoje, o herdeiro do manuscrito: quanto à organização em cadernos, à hierarquia dos formatos, do livro do banco ao libellus; quanto, também, aos subsídios à leitura: concordâncias, índices, sumários etc. Com o monitor, que vem substituir o códice, a mudança é mais radical, posto que são os modos de organização, de estruturação, de consulta do suporte do escrito que se acham modificados. Uma revolução desse porte necessita, portanto, outros termos de comparação. (CHARTIER, 1994, p.187).

A publicação periódica na Europa Ocidental, teve início a partir do século 17, com a Anvisa Relation oder Zeitung em 1609, na Alemanha. Já na Inglaterra, o London Gazzete, lançado em 1655, o qual se mantém até o presente momento. Outro fato relevante é que a primeira lei protegendo a liberdade de imprensa surgiu em 1766, na Suécia. A partir da invenção do telégrafo em 1844, as notícias passaram a circular de forma mais rápida, na sequência da história do mundo, mais precisamente no século XIX, o jornal impresso passou a ser o maior veículo de transmissão de informações, também sendo grandes agentes formadores de opinião. (ABI,2014, n/p).

Nos anos 1920, com a invenção do rádio, o jornalismo sofreu uma nova transformação, transformação essa que voltou a acontecer com o surgimento da televisão nos 1940 e posteriormente com a chegada da internet nos anos 1990, onde o volume de atualizações das informações ganhou um ritmo insano. (ABI,2014, n/p).

Durante a década de 1960 até a década de 1980, o jornalismo brasileiro passou por um momento de repressão e o fato de ser jornalista era considerado um ato de afronta ao governo militar instaurado em 1964 e que só teria fim em 1985. Toda a repressão em cima dos veículos de comunicações e dos jornalistas teve início a partir da promulgação do Ato Institucional n° 5, em 1968, onde dava poderes ao presidente da República para perseguir e reprimir as oposições. Podendo caçar mandatos e suspender direitos políticos, intervir em estados e municípios, alterando a Constituição de 1967, colocando em vigor

penas como, a pena de morte e o banimento territorial nacional para os casos de subversão.

Naquele momento o Brasil viveu o momento de maior repressão e opressão de sua história, onde exterminava toda a oposição, seja ela política, cultural ou de qualquer outra forma que fosse contrária ao governo. Chegando a posição do jornalismo frente a este período do Brasil, se obteve um grande paradoxo, onde um aparte considerável dos maiores meios de comunicação época eram favoráveis ao regime militar e até propagavam críticas ao governo antecessor. Os jornais contrários ao golpe começaram a sofrer com a censura desde o primeiro dia do Regime Militar. No entanto, a censura começou a imperar sobre todos os veículos de comunicação a partir da instituição do AI-5. Com isso, é comum visualizar jornais com páginas inteiras em branco ou até colocando receitas de alimentos. Desta forma o governo conseguia controlar a informação que chegava a população e sua visão do governo.

Os censores, a princípio, sentavam ao lado do redator. Quando este terminava a matéria, passava para o censor que dizia: “isso não pode, corta aqui, tira ali”. O São Paulo então começou a publicar salmos no lugar dos trechos censurados (DE PAIVA RAMOS, 2014, n/p).

A partir da chegada da internet comercial e com o surgimento do primeiro jornal online, em 1994, no Estado Unidos, ocorreram mudanças que transformaram o jornalismo e a forma de fazer jornalismo. No Brasil, o primeiro jornal a se submeter aos moldes online foi a Folha de São Paulo. Com a ascensão da internet no país, veio um sentimento de abertura no mercado profissional, um exemplo é que os primeiros jornalistas contratados para trabalhar nos grandes portais de notícias, muitos desses estrangeiros eram bem remunerados.

Mas o estouro da bolha das ações de tecnologia na virada do século provocou um refluxo desses investimentos na rede e muitos projetos de forma redimensionados passando a operar com equipes extremamente enxutas (KISCHINHEVSKY, 2009, p. 63).

Os primeiros jornalistas a trabalharem em portais, não estavam preparados para esta nova mídia, um exemplo é que muitos deles atuavam no jornal impresso. Como consequência, os primeiros portais utilizavam a prática

do “Ctrl+C” e “Ctrl+V”, precisando aprender o jornalismo online na prática, já que não havia nenhum modelo para ser seguido. (STEGANHA, 2010, p.21).

1.2 HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo chegou ao mundo a 167 anos, os primeiros registros da prática forma registradas em 1854, com o surgimento de um jornal exclusivo de cunho esportivo, em Paris, na França, o jornal Le Sport, o qual publicava crônicas sobre haras, turfe e caça, além de produzir conteúdo sobre natação, canoagem, pesca, boxe, bilhar entre outros esportes. A primeira área esportiva a receber uma cobertura mais elaborada pelos veículos impressos foi o hipismo, em meados do século XIX, na França. A grande imprensa só abriu espaço em 1875, num momento de mudanças sociais e de crescimento de esportes populares, pois, até então só se registravam notas sobre boxe, iatismo e esgrima. Por isso, os pioneiros do jornalismo esportivo surgiram nos jornais populares (FONSECA, 1997).

Um bom jornalista de esportes é antes de tudo, um bom jornalista. A tarefa não é simples. Exige rigor na informação, cuidado na apuração, checagem exaustiva. Implica passar horas ao telefone. (PAULO VINICIUS COELHO, 2008, p. 5 e p. 14).

Ainda no século XIX, com o surgimento do futebol, países como a Inglaterra, Espanha e França começaram a investir em periódicos especializados em futebol, desta forma, o jornalismo esportivo acompanhava a profissionalização do esporte e de suas federações. Já no século XX, foi criado o jornal L’Auto, em 1903, na França, o qual é considerado o primeiro periódico esportivo do mundo, cujo apostava em uma linguagem própria referentes às crônicas esportivas, em 1946, o L’Auto se transformou em L’Equipe.

Os jornais europeus ganharam um incentivo na cobertura de esportes a partir da reorganização dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1896, conhecido como os Jogos da Modernidade, feita pelo Barão de Courbetin,

anteriormente, os jornais cobriam apenas boxe e hipismo. Além de reorganizar os Jogos Olímpicos, o Barão Pierre de Coubertin criou um veículo impresso chamado *Revue Athletique*, a revista foi de grande incentivo para o avanço da consolidação do esporte nas páginas dos periódicos. (DANTAS,2015, p.14).

De 1919 a 1939, o fenômeno registrado é que o esporte, antes abordado de forma didática pela imprensa, passa a ser encarada com autonomia e como informação específica. O jornalismo esportivo se fortalece e os livros sobre esportes também começam a ser lidos. (LEANDRO, 2005, p.66).

Já o jornalismo esportivo no continente americano começa no século XX, nos Estados Unidos, a imprensa esportiva ganha espaço a partir da década de 1920, no entanto, a área esportiva do jornalismo não foi bem aceita pela academia norte-americana, neste caso, não se tem muitos registros. Todavia, o *The New York Journal*, começou em 1885 cobrir corridas de cavalos, além do hipismo, o mesmo cobria outros esportes que estavam em ascensão no final do século XIX.

Voltando ao continente europeu, na Espanha, a imprensa esportiva ganha espaço em meados de século XIX, tendo em 1856 a primeira revista focada em cunho esportivo, chamada de *El Cazador*, tendo uma tiragem quinzenal. A revista trazia informações sobre os direitos dos caçadores e fazia críticas a legislação de caça, após o seu lançamento, muitos outros veículos de comunicação surgiram, tratando de variados esportes como hipismo, ginástica, ciclismo, entre outros. A imprensa na Espanha só viria a dar destaque ao futebol a partir do século XX, mais precisamente em 1906, com o jornal *El Mundo Deportivo*.

Falando sobre as transmissões televisivas dos principais eventos esportivos, como as Olimpíadas, na primeira edição da Era Moderna dos Jogos Olímpicos em 1896, o Barão de Coubertin implorou para que a mídia transmitisse a competição, oferecendo um banquete para os jornalistas. Em contraponto, cem anos depois, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, em 1996, a imprensa internacional fez fila para conseguir exclusividade na transmissão da competição, a emissora norte-americana NBS, pagou 900 milhões de dólares ao COI, para obter os direitos de transmissão das Olimpíadas.

A relação da mídia com os Jogos Olímpicos pode ser dividida em três fases, a primeira de 1896 à 1932, uma era pré-televisão e dominada pelo rádio, de 1936 à 1964 uma transmissão de televisão sem os satélites, de 1968 à 1988 dos satélites sem internet e pôr fim a partir de 1992, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, na Espanha, deu-se início a era do domínio Olímpico, onde tornou-se uma tendência a transmissão dos Jogos Olímpicos. (DANTAS, 2015 p.16).

1.3 JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

A história do jornalismo esportivo no Brasil se confunde com a história do futebol no país, esporte este que virou uma paixão nacional. Tudo começou em 1894, quando o paulista Charles Miller trouxe da Inglaterra um objeto circular feito de couro, uniformes e regras sobre o novo esporte que logo ganhou o coração dos brasileiros. (ARAÚJO BATISTA,2018). O jornalismo esportivo no Brasil tem o seu início em 1856, mesmo antes do futebol chegar no país.

O jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856, com O Atleta, passando receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Pouco depois, em 1885, circulam O Sport e o Sportman. Em 1891, surgiu em São Paulo A Platea Sportiva, um suplemento de A Platea de 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista O Sport e o jornal Gazetta Sportiva (que não tem nada a ver com o jornal criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circula somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade apenas turfe, regatas e ciclismo. (RIBEIRO, 2007, p. 26 e 27).

Até o final do século XIX, as informações esportivas nos jornais dividiam atenção com notícias de outros nichos, como política, economia, informações comerciais e por vezes chegava a ser inserida no bloco de acontecimentos do dia. Os primeiros registros de informações esportivas nos jornais brasileiros eram escassos, dando destaque apenas para as atividades realizadas pela elite brasileira como turfe, caça e remo.

O futebol só viria a ganhar destaque nos periódicos da época em 1901, pelo jornal *Correio do Amanhã*, onde publicou em sua coluna chamada *Sport*, a qual noticiou detalhes da partida entre as equipes *Paysandu Cricket Club* e *Rio Cricket and Athletic Association*, as únicas existentes até então no Rio de Janeiro. (NEVES,2018).

O primeiro jornal, no Brasil, a dedicar parte do seu espaço ao noticiário esportivo não era escrito em Português. Tratava-se do *Fanfulla*, dirigido a colônia italiana de São Paulo e, portanto, escrito em italiano. Foi justamente um aviso publicado naquele jornal, convocando os leitores a formar um time de futebol, que deu origem ao *Palestra Itália*, rebatizado de *Palmeiras* durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1928 surgia o *Gazeta Esportiva*, o sucesso junto ao público foi tão grande, tornando – se uma publicação diária. A cidade do Rio de Janeiro foi o berço de jornais com cunho exclusivamente esportivo, sendo fundado na cidade fluminense o jornal *Jornal dos Sports*, em 1931, com iniciativa dos empresários de comunicação. O sucesso do *Jornal dos Sports*, se deve ao movimento de unificação e profissionalização das ligas de futebol, fortalecendo ainda mais o esporte a nível institucional e consolidando o esporte em nível nacional como “esporte das massas”.

A imprensa carioca era usada como uma mediadora das agremiações esportivas, bem como, uma espécie de educadora para o grande público com relação as regras de esportes como o turfe e o remo, esportes estes que eram os mais populares da época. (MORELLI, 2014). Os grandes jornais começaram a abrir espaço para o esporte a partir dos anos 1960, posteriormente no final da década de 1960, vieram os cadernos exclusivamente esportivos nos jornais. A partir destas inserções na imprensa brasileira, o país passou a ter uma imprensa esportiva, contando com profissionais especializados.

Com relação as crônicas sobre futebol, escritas principalmente pelos irmãos Mario Filho (1908 – 1966) e Nelson Rodrigues (1912 – 1980), onde usavam uma linguagem dramática transformando os jogadores em mitos. Com a década de 1970 e o Brasil se tornando tri campeão do mundo de futebol no México, novos meios de comunicação focados no esporte vieram à tona, como a revista *Placar*, pertencente ao grupo Abril, sendo um concorrente direto ao *Jornal dos Sports*, chegou a vender mais de 100 mil exemplares semanais

durante a Copa do Mundo de 1970, no México. Outro aspecto de sucesso da Revista Placar foi a fusão dos comentários esportivos com as charges, usadas como um elemento de crítica. (MESSINA,2003)

A maior e melhor revista esportiva do Brasil, publicada pela Revista Abril, surgiu ao auge da efervescência política do país e no olho do furacão da crise instaurada com a demissão técnico da Seleção Brasileira nas vésperas da Copa do Mundo do México. Placar, idealizada pelo jornalista e advogado Claudio de Souza era destinada a leitores interessados em reportagens mais elaboradas, inteligentes e escritas por feras do jornalismo esportivo. (RIBEIRO, 2007, p.208).

Ainda na década de 1970, mais precisamente em 1973, foi criado o telejornal com cunho esportivo, Esporte Espetacular, da Rede Globo, com uma nova proposta de jornalismo, utilizando uma abordagem mais leve e informal, desta forma, criando características próprias para o telejornalismo esportivo. (DA SILVA,2005).

Outro telejornal esportivo que é destaque até os dias de hoje foi o Globo Esporte, criado em 1978, inicialmente tinha o propósito de cobertura dos campeonatos estaduais e nacionais de futebol, no entanto, já no seu primeiro ano de existência o programa exibia reportagens sobre motociclismo, boxe, tênis, natação, basquete, entre outras modalidades. Portanto, o programa também passou a destacar competições de natação, vôlei, hipismo, surfe, basquete, tênis entre outros esportes. Inicialmente, o programa era exibido somente nas sextas-feiras e a partir de 1983, começou a ser exibido também aos sábados.

A partir de 1999, com a criação da TV Globo Internacional, o Globo Esporte passou a ser exibido também em países como Estados Unidos, Japão, Chile, Colômbia e na Argentina. A partir do ano de 2011, o Globo Esporte começou a ter edições diárias com conteúdo local para capitais como Porto Alegre, Recife, Florianópolis, Curitiba, Salvador e Fortaleza. (MEMORIAL GLOBO, n/p).

Outro programa televisivo da Televisão aberta de grande sucesso é o Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes, comandado pela apresentadora gaúcha Renata Fan, desde a sua criação em 2007. O programa aborda diversos esportes, porém com um enfoque maior no futebol, no entanto, o seu diferencial é o fato de unir o jornalismo imparcial com a visão de torcedores de times de

futebol. O Jogo Aberto também foi o primeiro programa na televisão brasileira a ser comandado por uma mulher.

Com a chegada dos canais fechados na década de 1990, novos programas esportivos foram surgindo na televisão, como o Troca de Passes, Tá na Área, Bem Amigos, Seleção, entre outros no canal Sport TV do grupo Globo. Tarde Redonda, Debate Final, Bola da Vez e Sport Center do Fox Sports e ESPN.

1.4 INGRESSO DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Para falarmos sobre a inserção da mulher no jornalismo esportivo é importante citar as lutas e barreiras que as mulheres quebraram para conseguir o seu espaço no jornalismo em si e no mundo dos esportes. Durante o século XX, um século marcado por grandes mudanças políticas e sociais no mundo, como a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, chegada do homem a lua, a criação da internet, entre outros. E é a partir da metade do século passado, que as mulheres começam a ser mais ativas em ambientes esportivos.

A mulher era considerada uma profanadora ou usurpadora no caso de frequentar um local usualmente frequentado por homens. Desta forma, o esporte acabou criando adjetivos que de certa forma caracterizam o mundo masculino, força, determinação, resistência e busca de limites. Podemos trazer para contextualizar, uma clássica frase usada para desmerecer e inferiorizar as mulheres, “mulher é o sexo frágil”.

Classificar as mulheres de sexo frágil é um equívoco. Alguns argumentos podem comprovar isto: elas vivem mais que os homens, já são a maioria nas escolas e universidades, das 97 milhões de pessoas acima de 16 anos no mercado de trabalho em 2008, cerca de 42,5 milhões (43,7% do total) eram de mulheres e elas ainda tem uma jornada semanal superior à dos homens ao se conjugarem as informações relativas às horas dedicadas às tarefas domésticas com àquelas referentes à jornada exercida no mercado de trabalho. ” (MAGGI,2010, n/p)

Um dos exemplos da participação tardia da mulher no esporte é nas Olimpíadas. Enquanto homens eram permitidos participar desde a primeira edição ainda na Grécia Antiga, as mulheres só seriam autorizadas a participar do maior evento esportivo do planeta no ano de 1900, nos Jogos Olímpicos de Paris, já na Era da Modernidade. Se formos parar para pensar, a participação feminina nas Olimpíadas é extremamente recente, mais precisamente 121 anos levando em conta o tempo de existência da competição.

A participação de mulheres no esporte moderno é um fenômeno social recente. A aceitação da participação de mulheres no esporte moderno é um fenômeno mais recente ainda. Embora o registro da participação feminina nos Jogos Olímpicos da Era Moderna comece em 1900, as mulheres levaram 104 anos para ter 40,7% do número total de atletas a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos. ” (IOC,2005)

Outro exemplo da integração tardia das mulheres no esporte é no futebol, onde a primeira Copa do Mundo Masculina, considerado o principal torneio de futebol do planeta foi criado em 1930, a Copa do Mundo de Futebol Feminino só veio a ser criada mais de meio século depois, em 1991.

Nossa hipótese é de que, diferentemente do futebol masculino, o futebol feminino não usufrui das mesmas condições de visibilidade e do mesmo reconhecimento social devido a relações conflituosas de gênero, decorrentes da inserção da mulher no espaço esportivo, culturalmente considerado como masculino. (FRANZINI,2005; GOELLNER, 2003).

Já no jornalismo, se tem registro de uma invasão feminina nas redações de jornais e revistas, durante século XIX e um aumento gradual durante o século XX. Nísia Floresta Brasileira Augusta pode ser considerada a pioneira do jornalismo feminino no país, Nísia possuía o pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, nasceu em 1810, no estado do Rio Grande do Norte e faleceu em 1885, na França, Nísia começou a escrever para a revista Espelho das Brasileiras em 1831, uma época em que as mulheres nem pensavam em aprender a ler e escrever, quanto mais ser jornalista. (DANTAS,2015)

Posteriormente a jornalista começou a escrever para outros veículos de comunicação sobre temáticas de escravidão, problemas dos

índios, preconceitos e direitos da mulher. Em 1852, a jornalista argentina Juana Paula Manso de Noronha, criou um jornal chamado *Jornal das Senhoras: modas, literatura, belas-artes, teatro e crítica*, este jornal é considerado o primeiro comandado por uma mulher. (DANTAS, 2015). Com relação ao jornalismo esportivo, as mulheres encontraram e encontram muitas barreiras ainda neste nicho do jornalismo, o número de mulheres ainda é menor que os homens nas redações, isso pode ser dado pelo interesse maior por esporte da parte dos homens, no entanto, este pouco interesse pelos esportes se dá em razão da falta de incentivo da sociedade para com as mulheres.

A mulher consegue desmistificar a ideia de que o mundo dos esportes só pertence aos homens e que elas não têm competência para discutir. O poder de comunicação em massa contribui para que as mulheres consigam conquistar credibilidade do público ao assistir um programa e ter como protagonista uma mulher apresentando, por exemplo. (MOTA,2013, p27).

A ligação das mulheres com os esportes no Brasil se dá a partir dos anos de 1940, também a partir dessa época é onde as mulheres conseguem se inserir mais dentro das redações, já que o jornalismo era uma profissão que não necessitava de curso superior. Desta forma Maria Helena Rangel, em 1947, há exatos 74 anos, se tornou a primeira mulher no país, a trabalhar com esporte, pelo *Gazeta Esportiva*. (DANTAS,2015,p.37).

Maria Helena se formou em educação física na USP e foi convidada a escrever no *Gazeta Esportiva*. Ela fez muitas viagens para cobrir campeonatos de vôlei e basquete, seu registro profissional foi concebido em 1º de janeiro de 1948 e ela exerceu a profissão por aproximadamente seis anos. Outra profissional atuante no jornalismo esportivo, na mesma época que Maria Helena, foi Mary Zilda Grassia Sereno. A carioca foi uma das primeiras fotojornalistas de São Paulo, sua primeira tentativa para ser fotógrafa para um jornal foi em 1934, após a edição da *Copa do Mundo* daquele ano, quando ela fotografou uma freira italiana comemorando o título da seleção italiana, todavia, não foi contratada apenas por ser mulher. (DANTAS, 2015, p.37).

Mary trabalhou em outros jornais impressos como o *Hoje*, *O Dia*, *O Tempo*, *Gazeta Esportiva*, *A Hora* e na *Época*, ela era uma

fotojornalista especialista em coberturas de jogos de futebol e incêndios de edifícios na capital São Paulo, tanto que no período que trabalhou no Hoje, fotografou a colocação da pedra fundamental do Estádio Morumbi, estádio do Clube São Paulo. Mary foi a primeira fotógrafa a ser credenciada pela polícia paulista. (DANTAS, 2015, p.37).

Outra pioneira é Germana Garili, iniciou sua carreira em 1960, escreveu colunas esportivas para a Tribuna Ituana, Tribuna de Franca e Gazeta de Santo Amaro, também foi locutora da Rádio Mulher, anteriormente chamada de Rádio Difusora Hora Certa, além de ser repórter em partidas de futebol. Germana é reconhecida pela FPF como a primeira repórter feminina profissional a fazer cobertura de campo em um jogo de futebol. No âmbito da rádio, temos a radialista e atriz, Regiani Ritter, que fez parte da Rádio Mulher, Regiani iniciou sua carreira no jornalismo esportivo na década de 1980 como repórter de campo e comentarista na Rádio Gazeta, a jornalista cobriu três Copas Do Mundo, além de jogos de futebol do clube São Paulo, atualmente Regiani continua na Rádio Gazeta e apresenta os programas Disparada no Esporte e Revista Geral desde 2010. (DANTAS, 2015, p.38)

A pioneira na cobertura dos vestiários do Rio de Janeiro na década de 1980, foi Martha Esteves, Martha começou sua carreira na Revista Placar, onde trabalhou por cinco anos e em seguida trabalhou no Jornal do Brasil e na revista Quatro Rodas, também foi subdiretora por 20 anos do caderno de esportes do O Dia. (DANTAS,2015, p.39)

Já na televisão, citamos como pioneira na área do esporte a jornalista Isabela Scalabrini, da Rede Globo, onde na década de 1980 integrava a equipe do Globo Esporte (programa que está no ar até hoje), cobrindo diversas modalidades esportivas, com exceção do futebol, que na época era coberto apenas por homens. No entanto, nos registros da emissora, constam que a primeira mulher a participar de programas e coberturas esportivas foi a jornalista Monika Leitão, a qual cobriu os Jogos Olímpicos de Moscou e o Pré-Olímpico de basquete em 1980 e em 1996 assumiu o comando do programa dominical Esporte Espetacular. Ainda sobre o Esporte Espetacular, em 1991, Mylena Ceribelli foi a primeira mulher a apresentar o programa. (DANTAS,2015, p.39 e 40)

No jornal impresso, Alaíde Pires foi a pioneira na cobertura de campeonatos de automobilismo, como a Formula 1 durante a década de 1980. A jornalista cobriu a carreira de grandes campeões das pistas como Ayrton Senna e Nelson Piquet. Ainda falando sobre o automobilismo, a grande referência da atualidade é a repórter Mariana Becker, que está desde 2008 na cobertura da Formula 1, ficando 12 anos na cobertura do campeonato pela Rede Globo e a partir de 2021 continua na cobertura do evento, porém, agora pela Rede Bandeirantes. Ainda sobre a cobertura de grandes eventos esportivos, não podemos esquecer de Fátima Bernardes, que acompanhou a Seleção Brasileira durante as Copas do Mundo de 2002 na Coreia do Sul e no Japão e de 2006 na Alemanha. No entanto, a primeira mulher a participar de uma cobertura de Copa do Mundo, foi Anna Zimmerman, em 1998, na França. (DANTAS,2015, p.40)

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, será usado o método de pesquisa bibliográfica, desta forma, possibilitando um maior conhecimento sobre a trajetória da mulher no jornalismo esportivo. De acordo com Boccato (2006, p 266), a pesquisa bibliográfica busca a solução de um problema (hipótese), por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectiva foi tratado o assunto abordado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica de trabalho até a decisão de sua forma de comunicação e divulgação.

Além de pesquisa bibliográfica, também será usado a metodologia de estudo de caso, visando obter um conhecimento mais qualificado sobre o tema, além de servir como base para posteriores trabalhos e pesquisas. O Estudo de Caso tem sua aplicação quando o pesquisador busca uma compreensão extensiva e com mais objetividade e validade conceitual, do que propriamente estatística, acerca da visão de mundo de setores populares. Interessa ainda as perspectivas que apontem para um projeto de civilização identificado com a história desses grupos, mas também, fruto de sonhos e utopias. (ROCHA, 2004, n/p)

2.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa quanto a sua natureza pode ser denominada de básica ou aplicada. Uma importante diferença entre elas é que, a pesquisa básica tem como foco gerar conhecimento, no entanto, não se tem a finalidade de gerar este conhecimento de forma imediata. Já a pesquisa aplicada, tem a finalidade de desenvolver e criar novas tecnologias e visões sobre um determinado tema para a sociedade. Um ponto de destaque da pesquisa aplicada é que, este tipo de estudo só acontece graças aos conhecimentos originados na pesquisa básica.

Portanto, ambas almejam a mesma coisa, o progresso da ciência e trazem como resultado avanços científicos e tecnológicos para a população. (LIGA ACADÊMICA DE PESQUISA CIENTIFICA, 2019, n/p.).

Portanto, a natureza deste trabalho é uma pesquisa aplicada, onde busca trazer novas teorias sobre a trajetória da mulher no jornalismo esportivo, utilizando de relações com a participação feminina no esporte, bem como a visão da sociedade sobre a mulher.

Quanto aos objetivos, o estudo da trajetória da mulher no jornalismo esportivo pode ser classificado como um estudo descritivo, onde tem a finalidade de explicar os desafios para a consolidação da mulher no mercado esportivo do jornalismo, bem como, a relação de uma sociedade patriarcal e conservadora com a tardia inserção feminina no esporte e conseqüentemente nesta área do jornalismo.

Os estudos descritivos são aqueles que descrevem as características da amostra (variáveis em estudo), não tendo a preocupação de manter uma relação entre elas. Desta forma, a principal característica do estudo descritivo é a falta de um grupo de comparação, sendo assim, o objetivo é a descrição de um fato.

Com relação à abordagem da pesquisa, ela pode ser classificada por qualitativa ou quantitativa ou ainda agregar as duas classificações dentro do estudo, tudo depende da área e dos objetivos abordados. A pesquisa qualitativa supõe que há uma relação entre o mundo e o sujeito, nesta abordagem, o objetivo principal da pesquisa é entender a explicação de algum fenômeno, essa modalidade é descritiva, tendo uma forma de coleta de dados menos rígida e menos objetiva. Tendo o próprio pesquisador como coletor de dados e das respostas dos entrevistados.

Já a pesquisa quantitativa, crê em elementos quantificáveis, ou seja, o objetivo da pesquisa é analisar fenômenos a partir de quantificações, trazendo elementos de estatística. O pesquisador neste caso fica com o papel apenas de observador, onde não pode analisar os dados, tendo uma função de apenas apresentar resultados, com base em tabelas e gráficos, ou seja, traduzir as informações apresentadas segundo as estatísticas, tabelas e gráficos, formando assim classificações e análises. (ALVES, MAZZOTTI, 1998, n/p.).

Desta forma, nesse estudo será atribuído as pesquisas qualitativas e quantitativas, onde serão apresentados dados e estatísticas sobre a presença da mulher no mundo esportivo, em competições e no jornalismo esportivo, bem como trazer relações com a visão da sociedade sobre a mulher, juntamente com aparatos históricos sobre a posição da mulher frente ao mercado de trabalho.

Sobre os procedimentos utilizados frente ao estudo podem ser classificadas em experimental, bibliográfica, documental, campo, ex-post-facto, levantamento, *survey*, estudo de caso, participante, pesquisa-ação, etnográfica, etnometodológica. Sendo em destaque os procedimentos que serão realizados na produção deste trabalho que são a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso.

A pesquisa bibliográfica é realizada através de materiais já publicados, como livros, artigos e materiais na internet. De acordo com Gil (2007), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisas: investigações sobre ideologia ou pesquisas que se propõem à análise das diversas posições sobre um problema.

Já o estudo de caso, envolve um estudo profundo de um ou mais objetos, tendo como principal objetivo é buscar um detalhamento aprofundado do assunto. Para a autora Alves-Mazzotti (2006, p. 640):

[...] os exemplos mais comuns para esse tipo de estudo são os que focalizam apenas uma unidade: um indivíduo (como os casos clínicos descritos por Freud), um pequeno grupo (como o estudo de Paul Willis sobre um grupo de rapazes da classe trabalhadora inglesa), uma instituição (como uma escola, um hospital), um programa (como o Bolsa Família) ou um evento (a eleição do diretor de uma escola).

Sendo assim, trazemos até aqui partes importantes de como serão desenvolvidos os aspectos metodológicos dessa pesquisa, é claro que não se esgota o que poderemos depreender em narrativa, fatos e circunstâncias o que poderá nos subsidiar, para essa investigação e também para trabalhos futuros.

2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Desde crianças temos o hábito de seguir exemplos, esses exemplos podem ser vistos em figuras familiares como, mãe, pai, irmãos, avós,

etc...., no entanto, os exemplos que admiramos e por certas vezes imitamos em gestos, formas de agir e falar podem ser pessoas de fora do ambiente familiar, podendo ser uma professora, um amigo e até uma celebridade. Uma situação em que isso acontece está ligado as brincadeiras, é muito comum conhecer meninos que falavam durante a infância que gostariam de ser jogadores de futebol quando chegassem a idade adulta, é correto afirmar que, uma fatia considerada dessas crianças irão seguir outras carreiras, no entanto, todos eles tinham algum jogador que eram suas inspirações.

Por exemplo, uma grande parcela dos meninos que nasceram durante a década de 2000 tem como grande inspiração o jogador Neymar Junior, que está atuando no Paris Saint German, da França, as crianças de gerações anteriores possuíam outros ídolos como Pelé, Romário, Zico, Bebeto, bem como as gerações mais novas que possuem novos nomes, como Gabriel Barbosa, Gabriel Jesus entre outros. Todavia, isso não se pode dizer o mesmo quando falamos sobre as meninas que gostavam de futebol, pelo fato do futebol feminino ganhar mais importância na mídia brasileira a partir dos anos 2000.

Esse fato se dá por uma crença cultural de que o futebol é um esporte masculino. Principalmente as gerações anteriores, permanecem afirmando que “é coisa de homem” e assim, para as mulheres, o incentivo acaba sendo as práticas de vôlei e ginástica. (BACCANI, 2019, n/p).

Felizmente nos dias de hoje as meninas que querem ingressar no futebol possuem uma grande referência, Marta, considerada a maior figura do futebol, feminino brasileiro, a atleta do Orlando Pride, da Flórida, nos Estados Unidos, já conquistou seis vezes o prêmio de melhor jogadora do mundo, sendo cinco delas consecutivas. (PORTAL HOTOLÂNDIA, 2020, n/p). Relacionando o futebol feminino com as jornalistas esportivas, tem-se uma situação parecida, já que o número de mulheres atuando na área esportiva ganhou força a partir do presente século.

Desta forma, no item População e Amostra, será abordado sobre a trajetória no jornalismo esportivo, da comunicadora, Fabiola Thiele e da jornalista do Grupo Globo, Marina Izidro.

2.3 HISTÓRIA DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NO BRASIL

Narrar é um ato de contar ou expor um fato que pode ser real ou imaginário, através de escrita, imagem ou de forma oral. Quem realiza a ação de narrar é automaticamente chamado de narrador, onde o mesmo tem a função de, detalhar todos os acontecimentos vividos pelos personagens no evento narrado. É importante ressaltar que através da oralidade, o ser humano conseguiu desenvolver sua comunicação e por consequência, o seu desenvolvimento em sociedade. (GOMES ROCHA, pg. 24, 2015).

Cada indivíduo foi aprendendo sua realidade e transmitindo suas experiências a seu grupo social. Ao desenvolver sua capacidade intelectual, o homem ampliou sua possibilidade de sobreviver e de destruir, e essas experiências constituíram o alicerce da civilização, cujos conceitos foram sendo transmitidos ao longo do tempo das mais diferentes maneiras, principalmente através da palavra. O gesto, o desenho, a comunicação visual e a escrita foram ferramentas fundamentais para a comunicação, mas a linguagem oral foi a aquisição mais valiosa de toda a humanidade. (GONTIJO, 2004, p. 14, apud Guerra, 2012).

Desta forma, com o avanço da adesão ao esporte pela sociedade e com a evolução dos meios de comunicação pelo mundo, os eventos esportivos também começaram a contar com a presença de narradores, para registrar as competições.

A narração esportiva no Brasil começou a partir da década de 1920 e foi impulsionada com a ascensão do rádio no país na década seguinte. Através do rádio, o futebol, esporte que estava entrando em contato com os brasileiros no início do século XX, se tornou popular, ajudando por exemplo, a alavancar a carreira de grandes nomes da modalidade e posteriormente, os narradores também tornaram conhecidos pela audiência. (MORAES, BELLINASSO, FERNANDES, SCHIMITZ, n/p, 2011).

Inicialmente, o esporte no rádio era abordado com boletins esportivos e contava com outras modalidades esportivas, não apenas o futebol. A primeira narração esportiva no rádio no Brasil, ocorreu em 19 de julho de 1931, pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol, no jogo das seleções de São Paulo e Paraná, no Campo da Chácara da Floresta, no bairro Ponte Grande, em São Paulo, transmitida pela antiga rádio Sociedade Educativa Paulista, sendo realizada o locutor Nicolau Tuma. É importante destacar, que através de

Nicolau, foi criado o termo “Narração em cima do lance”. (POLETTI, JACINTO, ANDREATTA, KOTELAK, ALMEIDA, CAMPOS, CAVALLI JUNIOR, LAZZARI, pg 1).

Conhecia as regras do jogo. Isso era fundamental. Como não tinha um modelo de narração, optei por uma descrição fotográfica, que desse ao ouvinte a imagem exata do campo e do jogo. Fiquei na arquibancada e improvisei o nome deste local dizendo que era o reservado da imprensa. Ao abrir o microfone disse: estou aqui no reservado da imprensa do campo, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou tentar transmitir para vocês que me ouvem o relato fiel do que irá acontecer no campo. Pensem num retângulo à sua frente ou peguem uma caixa de fósforos. Do lado direito estão os paulistas e do esquerdo os paranaenses. (Depoimento de Nicolau Tuma. In: Globo Repórter, TV Globo, 1981 retirado do Livro do Professor Marcio Guerra “Você, Ouvinte, é a Nossa Meta).

Outro ponto importante sobre essa narração, é que apesar de ser pioneira, ela não foi transmitida para o Brasil, a primeira transmissão exclusiva para o país inteiro ocorreu em 1938, realizada por Gagliano Neto, durante a Copa do Mundo, na França, sendo transmitida em união por duas emissoras, uma do Rio de Janeiro e a outra de São Paulo. (POLETTI, JACINTO, ANDREATTA, KOTELAK, ALMEIDA, CAMPOS, CAVALLI JUNIOR, LAZZARI, pg 2).

No Rio Grande do Sul as primeiras transmissões no rádio se iniciaram em 1924, na rádio Sociedade Rio-Grandense. No entanto, a primeira transmissão esportiva no estado, foi realizada pela Rádio Sociedade Gaúcha, a qual foi criada quatro anos antes, em 19 de novembro de 1931, sendo a partida entre seleção do Paraná e Grêmio, a qual terminou com a vitória do time gaúcho. Ocorreu no Estádio da Baixada, no Bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre e foi narrada por Ernani Rushel. (CHAVES, n/p, 2020).

A primeira transmissão futebolística internacional no Rio Grande do Sul ocorreu em 1949, em uma partida entre Grêmio e Nacional-URU, no Estádio Centenário, em Montevideu, capital do Uruguai. A narração da vitória do time gaúcho pelo placar de 3 a 1, foi realizada por Cândido Norberto. Ainda falando sobre a narração gaúcha em solo internacional, na Copa do Mundo de 1962, sediada no Chile, a rádio Gaúcha fez sua estreia em campeonatos mundiais e mandou os narradores Willy Gonzer e Antônio Carlos Resende e para os comentários Samuel Madureira Coelho. (CHAVES, n/p, 2020).

Um aspecto importante nas transmissões esportivas de rádio, foi a adesão a efeitos sonoros, como vinhetas. A primeira vinheta do rádio brasileiro foi criada em 1934, no Rio de Janeiro, com o objetivo de dar mais vida às transmissões. Entretanto essa moda não pegou de primeira, e só começou a ser usada pelos narradores na década de 1960, um exemplo é a cidade de São Paulo, a mais populosa do Brasil, a mais nova tecnologia do rádio só foi ser usada em 1964, por Nicolau Chequer, na Rádio Difusora. (SCHETINI, pg. 31, 2006).

A vinheta veio a se tornar um apelo de natureza decorativa de caráter sonoro, pois, simultaneamente, identificava a emissora com uma caracterização única e especial e auxiliava-a a vender seu produto, ou seja, a programação. (AZNAR, pg. 44, 1997).

A partir da década 1970, com a chegada da televisão aos lares brasileiros, o uso de vinhetas se tornou comum nas rádios do país. Outro marco importante das transmissões esportivas no rádio, foi o famoso grito de gol. Atualmente este ato é indispensável para a transmissão de uma partida em qualquer meio de comunicação, porém só foi implantado nas transmissões em 1946, pelo narrador Rabello Junior, em São Paulo. Rabello também é conhecido por prolongar o grito de gol. (SCHETINI, pág.31, 2006).

Um aspecto interessante das narrações esportivas no rádio são as características dos narradores, onde os mesmos podem ser divididos em duas escolas: Escola Denotativa e Escola Conotativa. Na escola denotativa, é caracterizada por contar com profissionais que são preocupados em dar ao ouvinte uma imagem aos ouvintes da partida através da utilização de elementos denotativos, ou seja, utilizando o primeiro significado derivado ao elemento, por exemplo: o objeto utilizado para acontecer uma partida de futebol, o qual os jogadores precisam para fazer o gol, os locutores se referem a ele como “bola”.

Já na escola conotativa, os narradores adeptos a esta característica utilizam outros nomes para se referir à bola, por exemplo: balão, balão de couro, criança, caroço, gorduchinha, Leonor, Maricota, menina, nega, pelota, redonda. Desta forma, para o ouvinte estes substantivos remetem a bola. Alguns praticantes da escola denotativa foram Nicolau Tuma, Rabello Junior, Pedro Luís e José Silvério. Nicolau Tuma, considerado o primeiro narrador de futebol do Brasil, foi apelidado de “Speaker metralhadora”, pelo fato de falar os

lances da partida de forma rápida, chegando a falar 250 palavras por minutos. Este estilo na narração, impera até os dias de hoje. (SCHETINI, pág.33, 2006)
“O locutor de uma partida de futebol é um fotógrafo do que acontece, registrando com a voz, aquilo que acontece” (TUMA).

Rabello Junior é considerado o sucessor de Nicolau Tuma, é conhecido por levar o dinamismo para as transmissões esportivas radiofônicas, na década de 1950, na Rádio Bandeirantes e apelidado como “o homem do gol inconfundível”. Pedro Luís, outro discípulo de Tuma, foi um dos narradores que mais se destacou pertencente a escola denotativa, o mesmo possuía uma tática peculiar para entender as posições dos jogadores.

De acordo com Marcio Guerra, autor do livro *Você, ouvinte*, é a nossa meta, Pedro Luís, narrava as partidas antes do seu acontecimento, para poder decorar as posições e nomes dos jogadores. Falando agora sobre a escola conotativa, um dos seus principais representantes é Geraldo José de Almeida, classificado como um dos primeiros locutores a incorporar ao seu estilo frases e palavras de cunho conotativos, por exemplo: ”Lindo !Lindo !Lindo!”, “O que que é isso minha gente?”. (SCHETINI, pg. 35, 2006).

Geraldo que começou sua carreira como locutor em 1936, em comerciais na Rádio Record, também foi o primeiro locutor a dar apelidos aos jogadores, o rei do futebol Edson Arantes do Nascimento, popularmente conhecido como Pelé, havia sido apelidado pelo narrador de “Craque Café”, no entanto, o apelido que é lembrado até hoje, é o termo usado para definir a seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970, no México, “Seleção Canarinho”. (SCHETINI, pg. 35, 2006).

Percebe-se hoje em dia, fazendo um retrospecto de mais de 50 anos da Copa do Mundo de 1970, a adesão a escola conotativa virou praticamente uma regra nas narrações esportivas, onde os profissionais tem liberdade para expressar uma entonação diferente nos momentos da partida, como por exemplo, um(a) narrador (a) atuante no Rio Grande do Sul, irá narrar o grito de gol de um time gaúcho de forma mais longa e mais emotiva do que se ocorrer um gol de uma equipe que não pertence ao estado em que a transmissão acontece.

2.4 A NARRAÇÃO ESPORTIVA NA TELEVISÃO

A televisão se originou a partir de outros dois meios de comunicação, o rádio e o cinema. A influência do cinema se deve por utilizar sons e imagens, já o rádio, está pautado pelo fato da televisão também receber ondas e assim, transformá-las em som e imagem. (JESUS, REZENDE, pg. 2, 2013). A partir da chegada da televisão, não apenas o mundo, como também as transmissões esportivas ganharam imagens, dando permissão ao público que não conseguia comparecer às partidas ao vivo, para acompanhar ao jogo com som e imagens em tempo real.

As primeiras transmissões esportivas através da televisão no mundo tiveram início na década de 1930, onde os norte-americanos transmitiram um jogo de beisebol, em 1935 e os alemães televisionaram os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, em 1937 foi a vez dos ingleses, registrando uma partida de tênis em *Wibledon*² e por fim em 1938, os franceses transmitiram a primeira partida de futebol no mundo, com a Copa do Mundo sendo sediada na França. (SCHETINI, pg. 38, 2006).

No Brasil, a primeira transmissão esportiva televisionada ocorreu em 1948, mais precisamente em Juiz de Fora, Minas Gerais, onde foi assistido trechos de um jogo de futebol entre Bangu, do Rio de Janeiro e Tupi natural da cidade mineira. Já a primeira transmissão esportiva realizada por uma emissora foi feita pela TV Record, em 18 de setembro de 1955, onde foi transmitido um clássico do futebol paulista, Santos e Palmeiras, na Vila Belmiro, estádio do time alvinegro. (SCHETINI, p. 38, 2006).

Da mesma forma que no rádio, Paulo Machado de Carvalho apostou no esporte, especialmente no futebol, para desenvolver a televisão. Ele cobrava muito de todos que trabalhavam na sua equipe. E foi assim que não só a TV Record cresceu, mas também trouxe um grande desenvolvimento técnico. (GUERRA, 2006, p. 106). No gramado, a equipe da Record fazia milagres para agradar o chefe. O repórter de campo não tinha retorno na base – só sabia a hora de entrar no ar depois que o motorista do ônibus de externas da emissora, Geraldo Campos acenava com a mão para Silvio Luiz iniciar as entrevistas. Durante a partida, dois fotógrafos, cada um atrás de um gol, registravam os lances mais perigosos e polêmicos. No começo do intervalo corriam para revelar as fotos que minutos depois eram exibidas na televisão. Era replay caseiro inventado pelos diretores de TV, Tuta e Salvador Tredice, o Dodô. (CARDOSO, ROCKMANN, 2005, p. 133- 134, apud Guerra, 2006, p. 106).

2 O Torneio de Tênis de Wimbledon, criado em 1877, é o torneio de tênis mais antigo do mundo.

Em 1958, o Brasil presenteou seu povo com a transmissão de uma partida de Copa do Mundo, entre Brasil e Áustria, a qual foi vencida pela seleção canarinho pelo placar de 3x0, inclusive, nesta mesma edição da competição que teve como sede a Suécia, o Brasil conquistou o seu primeiro título mundial. Outra grande emissora do país, a Rede Globo, começou a transmissão de partidas esportivas apenas 10 anos depois, em 21 de novembro de 1965, televisionando uma partida entre Brasil e a extinta União Soviética, sediada no Maracanã, um fato inusitado desta transmissão é que a partida estava marcada para iniciar as quatro horas da tarde, no entanto, a transmissão só iria começar às oito da noite. (SCHETINI, p. 39, 2006).

A partir das décadas de 1960 e 1970, onde a televisão começa a ser inserida dentro dos lares brasileiros, o futebol se tornou ainda mais popular, fazendo um gancho, essa popularização também se deve ao tri campeonato mundial de futebol conquistado pelo Brasil, em 1970, no México. Nesta década também foram introduzidos programas esportivos nas grades das transmissões televisivas, como por exemplo, História do Esporte e É hora de Esporte. Além disso, as emissoras começaram a perceber o grande interesse da audiência por esportes e não somente o futebol, mas as demais modalidades, levando a TV Rio, em 1974, transmitir ao vivo a luta de box entre Cassius Clay e George Foreman. (SCHETINI, p. 40, 2006).

Mais uma vez, a Copa do Mundo tendo grande influência sobre o futuro das transmissões esportivas, a edição de 1982, realizada na Espanha, a qual a seleção italiana liderada por Paolo Rossi, se sagrou a campeã, a TV Globo investiu pesado em uma megacobertura, tendo 100% dos direitos de transmissão, o que totalizou 150 horas de futebol em 28 dias. Outra grande emissora do Brasil, a TV Bandeirantes, adotou o ramo dos esportes a partir de 1983, ano de estreia do programa “Show do Esporte”, o qual ficou no ar durante 20 anos e foi comandado por grandes nomes como, Silvio Luiz, Álvaro José e Luciano do Valle, este último que foi um grande idealizador do futebol feminino no país, dando mais reconhecimento as atletas e inserindo os campeonatos na grade da TV Bandeirantes. (SCHETINI, p. 41, 2006).

A partir dos anos 1990, surgiram programas esportivos semanais, como o Esporte Espetacular e o Placar Eletrônico na Rede Globo, em 1991. Esta mesma década foi marcada por um recorde de audiência, que foi registrado em 1994, durante a Copa do Mundo sediada nos Estados Unidos, tendo o Brasil como tetracampeão mundial, foi registrado 3 bilhões de espectadores, o que corresponde a 1/3 da população mundial.

Dois anos depois, com toda repercussão da transmissão da Copa do Mundo, o SBT, começou a investir no ramo esportivo, e adquiriu os direitos de transmissão da fórmula Indy. Ainda em 1996, a Record criou o slogan “Rede Record, a nova força do esporte”, em virtude de transmitir os Jogos Olímpicos daquele ano, sediados em Atlanta, nos Estados Unidos, vale destacar que novamente em 2012, nas Olimpíadas de Londres, a Rede Record foi a única no Brasil a conseguir os direitos integrais de transmissão da competição. (SCHETINI, p. 42, 2006).

Outro ponto importante nas transmissões esportivas é a cota de direito de transmissão, que é paga aos clubes de futebol, por cada emissora que tem contrato com o clube para transmitir seus jogos. Esses valores são astronômicos, durante a disputa do Brasileirão de 2020, Internacional e Flamengo disputaram o título até a última rodada, no entanto, o clube gaúcho teria uma premiação menor que a do clube carioca caso fosse campeão.

O Inter possuía contrato com a Globo e com a Warner (antiga Turner), enquanto o Flamengo possuía contrato com Globo e Sportv, a empresa carioca havia disponibilizado R\$900 milhões para a competição, enquanto a Warner, R\$220 milhões. Desta forma, o Flamengo receberia um total de R \$35 milhões e o Inter receberia R \$23 milhões, R\$18 milhões da Globo e mais R \$5 milhões da Warner. (SALDANHA, MATTOS, n/p, 2021).

É válido explicar que, com a medida do tempo, as transmissões esportivas na televisão foram evoluindo, de acordo com a tecnologia do mundo, contando, com câmeras apuradas, novos ângulos e possibilitando os espectadores a observarem novos lances das partidas. Os jogos atualmente

contam com aproximadamente 100 profissionais, entre jornalistas, técnicos, fotógrafos, narradores, entre outros. (SCHETINI, p. 43 e 44, 2006).

É perceptível que os narradores de televisões colocam emoção nas transmissões, seja na hora do gol, uma grande defesa, um lance de perigo, um lance atípico e também usam alguns bordões, que acabam sendo reconhecidos como a marca daqueles profissionais. No entanto, uma transmissão também possui alguns percalços, como a imagem incompatível com a narração e a figura do narrador atrelada a do comentarista. (SCHETINI, p. 45, 2006).

Sobre os bordões, Walter Abrahão foi um dos precursores na televisão, um exemplo era nos jogos de Pelé, quando o jogador pegava a bola o narrador dizia “Bola com ele”, o que para o telespectador era necessário para entender que a bola estava com o rei do futebol. Walter Abrahão era conhecido por ter um estilo sóbrio e colocar bastante entonação na narração. (SCHETINI, p. 46, 2006).

Outro nome de destaque da narração esportiva na televisão é Luciano do Valle, que adotava um estilo radiofônico em suas narrações, com muita empolgação. Luciano do Valle ingressou na Rede Globo em 1970, onde participou das coberturas dos Jogos Pan Americanos de Cali, em 1971, Jogos Olímpicos de Berlim, em 1972, 1976 em Montreal e 1980 em Moscou, Copa do Mundo na Alemanha, em 1974, 1978 na Argentina e 1982 na Espanha, além de ter narrado várias corridas da Fórmula 1. Em 1983 mudou-se para a TV Record e no mesmo ano foi para a TV Bandeirantes, ficando por 20 anos. Luciano foi um grande precursor das transmissões de vôlei no país, o narrador que faleceu em 19 de abril de 2014, aos 66 anos. Sendo que o esporte começou a ganhar notoriedade a partir dos anos 1980, além de também ser um grande incentivador do futebol feminino. (SCHETINI, p. 46, 2006).

Com certeza você já ouviu essa frase “Bem amigos da Rede Globo”, é só um dos tantos bordões de Galvão Bueno, o locutor mais assistido e mais polêmico da televisão brasileira. É conhecido por ser redundante, ou seja, falar aquilo que o espectador está acompanhando e não ter uma boa

comunicação com os comentaristas durante as transmissões. Assim como Luciano, Galvão tem muitos adeptos, como por exemplo, seus próprios colegas de emissora, Cleber Machado e Luiz Roberto.

Silvio Luiz, outro grande nome da narração, que se destacou por adotar um comportamento de torcedor de arquibancada durante as partidas, fazendo interações com os telespectadores. Outro diferencial é que Silvio Luiz não era redundante, ele acrescentava informações novas e também muita emoção ao fato descrito. (SHETINI, p. 46, 2006).

2.5 INSCERÇÃO DAS MULHERES NA NARRAÇÃO ESPORTIVA

As mulheres sofrem desigualdade em muitas áreas do mercado de trabalho e o jornalismo não é diferente. Apesar de representarem 64% dos profissionais de jornalismo, contra 36% de jornalistas homens, mulheres trabalhando na editoria de esportes ainda são a minoria, apesar de uma ligeira evolução nos meios de comunicação. (BERGAMO et. al., 2013).

A sociedade através da sua cultura patriarcal tem por costume abominar aquilo que é feminino, e/ou relacionado à mulher. Desde os primórdios da narração esportiva, o “vozeirão” seja no rádio ou na televisão é muito mais valorizado. A primeira narradora esportiva foi Zuleide Ranieri, da Rádio Mulher, durante a década de 1970, conhecida por ter um tom dramático e bem humorado, fez sucesso com a audiência em um jogo da Libertadores da América de 1971, entre Palmeiras e Montevideú. Todavia, a rejeição do público e o machismo contribuíram para o fechamento da emissora, Zuleide nunca mais voltou a narrar. (FERREIRA, p. 26, 2020).

Mais de 20 anos depois, em 1997, surgiu a primeira narradora na televisão, Luciana Mariano, transmitindo o Torneio de Primavera de futebol feminino, na TV Bandeirantes. Luciana foi incentivada por seu marido na época, o também narrador Luciano do Valle, a narradora atualmente está na ESPN e

recentemente narrou a final da Libertadores da América feminina entre Corinthians e Santa Fé.

Com o passar do tempo, a mulher foi conquistando o seu espaço, até narrar um jogo da Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Naquele ano foi realizado um concurso chamado Garota da Voz, o qual a vencedora foi Renata Silveira, que pode narrar a partida entre Uruguai e Costa Rica. (CONTADO, n/p, 2021), Renata Silveira se tornou a primeira mulher a narrar uma partida de Copa do Mundo. Já em 2018, no Mundial sediado na Rússia, Renata e mais três mulheres foram as pioneiras na narração feminina de uma Copa do Mundo, na televisão, pela Fox Sports.

Renata Silveira está na Rede Globo desde dezembro de 2020, tornando-se a primeira mulher narradora da história da emissora e a primeira a narrar o Campeonato Brasileiro de Futebol masculino, popularmente conhecido como Brasileirão e a Eurocopa, onde recebeu muitos elogios por segurar com sutileza a transmissão de Dinamarca e Finlândia, após um mal súbito sofrido por Christian Eriksen, jogador Dinamarquês. (CONTADO, n/p, 2021). Atualmente, a Rede Globo possui duas narradoras em seu quadro, Renata Silveira e Natália Lara, que vem se destacando por não narrar somente o futebol, mas outros esportes e ter participado da cobertura das Paraolimpíadas de Tóquio, em 2021.



FOTO: Renata Silveira/ João Cotta/Globo

FOTO: Natália Lara/ Reprodução Pessoal

Como foi abordado anteriormente, a presença da mulher na narração esportiva ainda é pequena e o veículo onde o número de mulheres narradoras vem crescendo é na televisão. Pode-se analisar esse conservadorismo do rádio, por ainda se existir um estereótipo de “vozeirão” em seus locutores, além dos donos de veículos de comunicação serem em sua maioria homens.

Em conversa com a comunicadora da Rádio Pachola, uma rádio web independente do Rio Grande do Sul, que produz conteúdo informativo sobre o dia-a-dia do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense, Fabíola Thiele, revela que enfrentou muitos desafios por ser mulher e gostar de atuar nesta parte do jornalismo. Segue a entrevista da mesma:

Acho que é algo que toda mulher que ama futebol acaba enfrentando em algum momento da vida, pelo simples fato de ser torcedora e gostar de falar sobre o tema, mas quando se trabalha com isso, parece que o machismo tenta te sufocar. Muitos homens não suportam a ideia de ver uma mulher falando sobre algo que eles acham que deveriam ser só deles. Cansei de ouvir a frase “fala de futebol para agradar homem” ou “pelo menos explica o que é impedimento”. Sem falar nas vezes que não ligaram para o que eu estava falando, apenas cuidando o físico. (THIELE, Fabíola entrevista em 17 de novembro de 2021)

Fabíola que ingressou no jornalismo esportivo em decorrência do amor pelo seu clube e o amor por falar sobre futebol como algo simples e prazeroso, explica que começou a trabalhar com o esporte em janeiro de 2020, tendo o primeiro contato com a imprensa esportiva sendo colunista de um site de futebol, em seguida trabalhou em um projeto de entrevistas e na sequência começou a atuar na emissora que se encontra no momento.

Perguntada sobre o que seria necessário fazer para que as mulheres sejam reconhecidas no jornalismo esportivo da mesma forma que os homens.

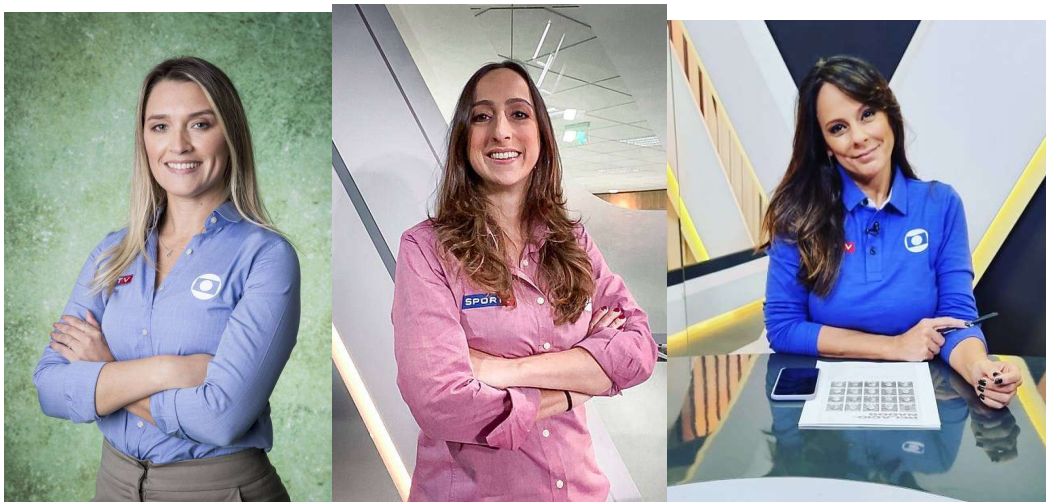
Eu acho que o primeiro passo é nós mulheres nos unirmos, acredito muito na frase “juntas somos mais fortes”. É extremamente difícil e traumatizante lidar com o machismo por querer trabalhar com o que a gente ama, precisamos de mulheres que apoiem outras mulheres e fortaleçam outras mulheres. Outro passo é nunca se calar, é não dar ao machismo o que eles tanto querem, que é a nossa desistência. Mulheres nesse meio – como em qualquer outra – são extremamente competentes e em muitos casos, mais competentes que os homens, o espaço é nosso também e quanto mais a gente falar, mais eles vão ter que respeitar. (THIELE, Fabíola entrevista em 17 de novembro de 2021)

2.6 INSERÇÃO DOS COMENTARISTAS NAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS

As transmissões esportivas sejam através do rádio ou da televisão, tem uma estrutura de profissionais que fazem parte da cobertura de uma partida, independente do esporte. E um desses profissionais é o (a) comentarista, que pode ser um ou uma ex-atleta da modalidade, bem como profissionais formados em jornalismo, ou em comunicação social.

O profissional que exerce a função de comentarista, possui um conhecimento prático e uma vivência dentro do esporte, onde está na transmissão para explicar e reforçar determinadas situações durante a partida, para situar o público sobre o que está acontecendo (SANFELICE, WERKAUSEN, MONTIN, n/p).

Relacionando o tópico com o tem estudado, o número de mulheres atuando na profissão de comentarista é consideravelmente menor em comparação com os homens, no entanto, principalmente no futebol, um esporte consideravelmente machista, as profissionais femininas estão conseguindo seu espaço. A Rede Globo, a grande referência em transmissões esportivas, possui três comentaristas mulheres para o futebol, Ana Thaís Matos, Renata Mendonça e Fabiola Andrade, pode ser um número muito baixo, todavia, é muito importante para a inserção da mulher no jornalismo esportivo.



*FOTO: Ana Thaís Matos/
Folha de São Paulo*

*FOTO: Renata Mendonça/
Folha de São Paulo*

*FOTO: Fabiola Andrade/
Reprodução Pessoal*

Trazendo a visão de quem convive diariamente das redações e conviveu por muito tempo com a atmosfera das partidas, a repórter do

Sportv/Globo, colunista de esportes da Folha de São Paulo e professora de jornalismo esportivo na *St Mary's University College*³ em Londres, Marina Izidro, conta que trabalha com a editoria há 19 anos.

Trabalho com jornalismo esportivo há 19 anos. Trabalhar com jornalismo esportivo foi uma mistura de vontade e sorte, eu sempre gostei de assistir e praticar esportes. Meu primeiro emprego depois que me formei na faculdade de jornalismo, foi em uma produtora que fazia programas de esportes para a televisão. Entrei na área e nunca mais saí. (IZIDRO, Marina entrevista em 25 de novembro de 2021).

Marina explica ainda sobre como foi sua trajetória no jornalismo esportivo e se sofreu algum tipo de preconceito.

Para ser sincera, não enfrentei muitos desafios, nem achei que fui tratada diferente por ser mulher no jornalismo esportivo. Acho que no Brasil, a redação tem cada vez mais um equilíbrio com relação ao número de homens e mulheres (IZIDRO, Marina entrevista em 25 de novembro de 2021)

A jornalista que atuou no Brasil no Sportv/Globo e Folha de São Paulo, relata como visualiza o reconhecimento das mulheres no jornalismo esportivo.

Não acho que as mulheres precisem de reconhecimento, porque elas já são boas no que fazem. Acho que as mulheres precisam de oportunidades em todas as funções e principalmente em cargos de chefia. Também acho que em alguns casos é preciso uma mudança de mentalidade. Por exemplo, se em certos cargos um chefe naturalmente empregaria um homem, dar a chance para uma mulher. E também, é importante que as empresas deixem as funcionárias confortáveis e completamente seguras quando elas decidem ser mães, acho que esse é um ponto em que muitos lugares ainda falham. No jornalismo esportivo, muitas mulheres adiam a maternidade por terem medo de ficar seis meses fora e perderem oportunidades e, algumas vezes, o próprio emprego quando retornam. (IZIDRO, Marina entrevista em 25 de novembro de 2021)

Foi realizada uma análise sobre a quantidade jogos que as mulheres narram e comentam na Rede Globo do Campeonato Brasileiro de futebol da Série A e Série B.

(Quadro produzido pela autora de 01 a 29 de novembro de 2021)

DATA	JOGO	NARRAÇÃO/COMENTÁRIOS
------	------	----------------------

³ St Mary's University College é uma universidade pública, localizada em Strawberry Hill, no sudoeste de Londres. Foi fundada em 1850 e é considerada a universidade católica romana mais antiga do Reino Unido

01/11/2021	Cruzeiro x Vila Nova (Série B)	Jaime Junior (narração) Bob Faria e Henrique Fernandes (comentários)
01/11/2021	Cuiabá x Red Bull Bragantino (Série A)	Jader Rocha (narração) Lédio Carmona e Ricardinho (comentários)
01/11/2021	Corinthians x Chapecoense (Série A)	Everaldo Marques (narração) Alexandre Lozetti e Roque Junior (comentários)
02/11/2021	Brasil de Pelotas x Avaí (Série B)	Renata Silveira (narração) Conrado Santana (comentários)
02/11/2021	Vitória x CSA (Série B)	Natália Lara (narração) Carlos Eduardo Lino e Petkovic (comentários)
02/11/2021	Athletico Paranaense x Flamengo (Série A)	Luis Roberto (narração) Junior e Roger Flores (comentários)
02/11/2021	Brusque x Náutico (Série B)	Rodrigo Raposo (narração) Cabral Neto e Grafite (comentários)
02/11/2021	Goiás x Ponte Preta (Série B)	Daniel Pereira (narração) Renata Mendonça e Roque Junior (comentários)
03/11/2021	Coritiba x Operário (Série B)	Jota Junior (narração) Mauricio Noriega e Ricardinho (comentários)
03/11/2021	Botafogo x Confiança (Série B)	Julio Oliveira (narração) Lédio Carmona e Pedrinho (comentários)
03/11/2021	Atlético Mineiro x Grêmio (Série A)	Rogério Correa (narração) Henrique Fernandes e Paulo Nunes (comentários)
04/11/2021	Guarani x Vasco da Gama (Série B)	Luiz Carlos Junior (narração) Ana Thaís Matos e Paulo Nunes (comentários)
04/11/2021	Cuiabá x Chapecoense (Série A)	Renata Silveira (narração) Carlos Eduardo Lino (comentários)
04/11/2021	CRB x Sampaio Corrêa (Série B)	Eduardo Moreno (narração) Cabral Neto e Paulo Cesar Vasconcellos (comentários)
05/11/2021	CSA x Remo (Série B)	Henrique Guidi (narração) Alexandre Lozetti (comentários)
05/11/2021	Avaí x Vitória (Série B)	Julio Oliveira (narração) Renata Mendonça (comentários)
05/11/2021	Londrina x Cruzeiro (Série B)	Jaime Junior (narração) Bob Faria e Mauricio Noriega (comentários)
05/11/2021	Flamengo x Atlético	Gustavo Villani (narração)

	Goianiense (Série A)	Caio Ribeiro e Paulo Vinicius Coelho (comentários)
06/11/2021	Náutico x Coritiba (Série B)	Rembrandt Junior (narração) Cabral Neto e Fábio Junior (comentários)
06/11/2021	Corinthians x Fortaleza (Série A)	Milton Leite (narração) Mauricio Noriega e Roque Junior (comentários)
06/11/2021	Internacional x Grêmio (Série A)	Luiz Carlos Junior (narração) Paulo Vinicius Coelho e Pedrinho (comentários)
06/11/2021	Operário x Goiás (Série B)	Julio Oliveira (narração) Carlos Eduardo Lino e Petkovic (comentários)
06/11/2021	Fluminense x Sport Recife (Série A)	Gustavo Villani (narração) Grafite e Renata Mendonça (comentários)
06/11/2021	Confiança x Brusque (Série B)	Claudio Uchoa (narração) Conrado Santana (comentários)
07/11/2021	Santos x Palmeiras (Série A)	Cleber Machado (narração) Caio Ribeiro e Casagrande (comentários)
07/11/2021	Santos x Palmeiras (Série A)	Jader Rocha (narração) Ana Thaís Matos e Roque Junior (comentários)
07/11/2021	Atlético Mineiro x América Mineiro (Série A)	Rogério Correa (narração) Bob Faria e Fábio Junior (comentários)
07/11/2021	Atlético Mineiro x América Mineiro (Série A)	Luiz Carlos Junior (narração) Henrique Fernandes e Paulo Nunes (comentários)
07/11/2021	Vasco da Gama x Botafogo (Série B)	Luis Roberto (narração) Junior e Roger Flores (comentários)
07/11/2021	Vasco da Gama x Botafogo (Série B)	Renata Silveira (narração) Paulo Vinicius Coelho e Pedrinho (comentários)
07/11/2021	Bahia x São Paulo (Série A)	Odinei Ribeiro (narração) Lédio Carmona e Sérgio Xavier (comentários)
07/11/2021	Vila Nova x Guarani (Série B)	Rhodes Lima (narração) Conrado Santana (comentários)
07/11/2021	Sampaio Corrêa x Brasil de Pelotas (Série B)	André Azevedo (narração) Ricardo Gonzalez (comentários)
07/11/2021	Ceará x Cuiabá (Série A)	Bernardo Edler (narração) Renata Mendonça (comentários)
07/11/2021	Ponte Preta x CRB (Série B)	Natália Lara (narração) Carlos Eduardo Lino

		(comentários)
08/11/2021	Chapecoense x Flamengo (Série A)	Gustavo Villani (narração) Lédio Carmona e Paulo Nunes (comentários)
08/11/2021	Avaí x CSA (Série B)	Jota Junior(narração) Alexandre Lozetti e Roque Junior (comentários)
09/11/2021	Confiança x Náutico (Série B)	Rodrigo Cardoso (narração) Cabral Neto(comentários)
09/11/2021	Operário x Remos (Série B)	Claudio Ushoa (narração) Ricardo Gonzalez (comentários)
09/11/2021	Grêmio x Fluminense (Série A)	Jader Rocha (narração) Grafite e Paulo César Vaconcellos(comentários)
09/11/2021	Cruzeiro x Brusque (Série B)	Jaime Junior(narração) Fábio Junior (comentários)
10/11/2021	Atlético Mineiro x Corinthians (Série A)	Gustavo Villani (narração) Fábio Junior, Ana Thaís Matos e Ricardinho(comentários)
10/11/2021	Santos x Red Bull Bragantino (Série A)	Jader Rocha (narração) Alexandre Lozetti e Paulo Vinicius Coelho (comentários)
10/11/2021	Brasil de Pelotas x Guarani (Série B)	Clayton Carvalho (narração) Paulo César Vasconcellos (comentários)
10/11/2021	Palmeiras x Atlético Goianiense (Série A)	Everaldo Marques (narração) Mauricio Noriega e Caio Ribeiro (comentários)
10/11/2021	Fortaleza x São Paulo (Série A)	Cleber Machado (narração) Casagrande e Roque Junior(comentários)
10/11/2021	Fortaleza x São Paulo (Série A)	Natália Lara (narração) Carlos Eduardo Lino e Sérgio Xavier(comentários)
10/11/2021	Sport Recife x América Mineiro (Série A)	Rogério Correa(narração) Henrique Fernandes (comentários)
10/11/2021	Sport Recife x América Mineiro (Série A)	Rembrandt Junior (narração) Cabral Neto(comentários)
10/11/2021	Sport Recife x América Mineiro (Série A)	Jaime Junior (narração) Bob Faria (comentários)
10/11/2021	Juventude x Internacional (Série A)	Luciano Périco (narração) Mauricio Saraiva (comentários)
10/11/2021	Juventude x Internacional (Série A)	Bernardo Edler(narração) Renata Mendonça(comentários)
10/11/2021	Vasco da Gama x Vitória (Série B)	Luis Roberto(narração) Grafite e Roger Flores (comentários)

10/11/2021	Vasco da Gama x Vitória (Série B)	Daniel Pereira(narração) Lédio Carmona e Petkovic(comentários)
10/11/2021	Goiás x Coritiba(Série B)	Alex Rodrigues (narração) Kleber Rocha e Paula Ferreira (comentários)
10/11/2021	Goiás x Coritiba(Série B)	Julio Oliveira (narração) Cristian Toledo(comentários)
10/11/2021	Goiás x Coritiba(Série B)	Eduardo Moreno (narração) Conrado Santana e Pedrinho (comentários)
11/11/2021	CRB x Londrina (Série B)	Luiz Prota (narração) Pedro Moreno (comentários)
11/11/2021	Flamengo x Bahia (Série A)	Luiz Carlos Junior (narração) Paulo César Vasconcellos e Roger Flores(comentários)
11/11/2021	Ponte Preta x Botafogo (Série B)	Jader Rocha (narração) Grafite e Lédio Carmona (comentários)
11/11/2021	Sampaio Corrêa x Vila Nova (Série B)	André Azevedo (narração) Marcelo Raed (comentários)
12/11/2021	CSA x Confiança (Série B)	Clayton Carvalho (narração) Ricardo Gonzalez (comentários)
13/11/2021	Guarani x Avaí (Série B)	Jota Dechamps (narração) Rodrigo Faraco(comentários)
13/11/2021	Guarani x Avaí (Série B)	Eduardo Moreno(narração) Conrado Santana e Paulo César Vasconcellos(comentários)
13/11/2021	Atlético Goianiense x Santos (Série A)	Gustavo Villani(narração) Lédio Carmona e Roque Junior(comentários)
13/11/2021	América Mineiro x Grêmio (Série A)	Jader Rocha (narração) Renata Mendonça e Paulo Nunes(comentários)
13/11/2021	Red Bull Bragantino x Fortaleza (Série A)	Renata Silveira (narração) Grafite e Carlos Eduardo Lino(comentários)
13/11/2021	Corinthians x Cuiabá (Série A)	Odinei Ribeiro (narração) Mauricio Noriega e Ricardinho(comentários)
14/11/2021	São Paulo x Flamengo (Série A)	Cléber Machado (narração) Caio Ribeiro e Junior (comentários)
14/11/2021	São Paulo x Flamengo (Série A)	Luiz Carlos Junior (narração) Ana Thaís Matos e Petkovic (comentários)
14/11/2021	Fluminense x Palmeiras (Série A)	Milton Leite (narração) Roque Junior e Paulo Vinicius Coelho (comentários)
14/11/2021	Coritiba x Brasil de	Julio Oliveira (narração)

	Pelotas (Série B)	Bob Faria e Carlos Eduardo Lino (comentários)
14/11/2021	Ceará x Sport Recife (Série A)	Rembrandt Junior (narração) Cabral Neto e Paulo Cesar Vasconcellos (comentários)
14/11/2021	Chapecoense x Juventude (Série A)	Renata Silveira (narração) Pedro Moreno e Sérgio Xavier (comentários)
14/11/2021	Vitória x Cruzeiro (Série B)	Rogério Correa(narração) Fábio Junior e Renata Mendonça (comentários)
15/11/2021	Brusque x CRB (Série B)	Jaime Junior (narração) Fábio Junior (comentários)
15/11/2021	Londrina x Ponte Preta (Série B)	Jota Junior (narração) Fabiola Andrade (comentários)
15/11/2021	Botafogo x Operário (Série B)	Luiz Carlos Junior (narração) Paulo Vinicius Coelho e Pedrinho (comentários)
15/11/2021	Náutico x Sampaio Corrêa (Série B)	Rembrandt Junior (narração) Cabral Neto (comentários)
15/11/2021	Vila Nova x Vasco da Gama (Série B)	Natália Lara (narração) Petkovic e Renata Mendonça (comentários)
15/11/2021	Remo x Goiás (Série B)	Eduardo Moreno(narração) Grafite e Pedro Moreno (comentários)
16/11/2021	Athletico Paranaense x Atlético Mineiro (Série A)	Rogério Correa (narração) Fábio Junior e Henrique Fernandes (comentários)
16/11/2021	Grêmio x Bragantino (Série A)	Odinei Ribeiro (narração) Alexandre Lozetti e Caio Ribeiro (comentários)
17/11/2021	Santos x Chapecoense (Série A)	Natália Lara (narração) Carlos Eduardo Lino e Alexandre Lozetti (comentários)
17/11/2021	América Mineiro x Atlético Goianiense (Série A)	Rogério Correa (narração) Ana Thaís Matos e Bob Faria (comentários)
17/11/2021	Cuiabá x Internacional (Série A)	Gustavo Villani (narração) Paulo César Vasconcellos e Roger Flores (comentários)
17/11/2021	Fortaleza x Ceará (Série A)	Daniel Pereira (narração) Grafite e Paulo Vinicius Coelho (comentários)
17/11/2021	Palmeiras x São Paulo (Série A)	Milton Leite (narração) Mauricio Noriega e Roque Junior (comentários)
17/11/2021	Juventude x Fluminense (Série A)	Julio Oliveira (narração) Lédio Carmona e Ricardinho (comentários)

17/11/2021	Flamengo x Corinthians (Série A)	Luis Roberto (narração) Caio Ribeiro e Junior (comentários)
17/11/2021	Flamengo x Corinthians (Série A)	Jader Rocha (narração) Casagrande e Petkovic (comentários)
18/11/2021	Sport Recife x Bahia (Série A)	Rembrandt Junior (narração) Junior e Cabral Neto (comentários)
18/11/2021	Sampaio Corrêa x Cruzeiro (Série B)	Jaime Junior (narração) Alexandre Lozetti e Fábio Junior (comentários)
19/11/2021	Brusque x Operário (Série B)	Henrique Guidi (narração) Sérgio Xavier (comentários)
19/11/2021	Vasco da Gama x Remos (Série B)	Eduardo Moreno (narração) Pedrinho e Ricardo Gonzalez (comentários)
19/11/2021	Vila Nova x Londrina (Série B)	Marcio Meneghini (narração) Conrado Santana (comentários)
20/11/2021	Confiança x Ponte Preta (Série B)	Jader Rocha (narração) Ricardo Gonzalez (comentários)
20/11/2021	Chapecoense x Grêmio (Série A)	Luiz Carlos Junior (narração) Ricardinho e Carlos Eduardo Lino (comentários)
20/11/2021	Atlético Mineiro x Juventude (Série A)	Rogério Correa (narração) Bob Faria e Henrique Fernandes (comentários)
20/11/2021	Fortaleza x Palmeiras (Série A)	Milton Leite (narração) Paulo Vinicius Coelho e Roque Junior (comentários)
20/11/2021	Atlético Goianiense x Ceará (Série A)	Renata Silveira (narração) Alexandre Lozetti e Grafite (comentários)
20/11/2021	Internacional x Flamengo (Série A)	Gustavo Villani (narração) Lédio Carmona e Junior (comentários)
21/11/2021	Corinthians x Santos (Série A)	Cleber Machado (narração) Caio Ribeiro e Casagrande (comentários)
21/11/2021	Corinthians x Santos (Série A)	Everaldo Marques (narração) Ricardinho e Mauricio Noriega (comentários)
21/11/2021	Brasil de Pelotas x Botafogo (Série B)	Renata Silveira (narração) Grafite e Paulo Vinicius Coelho (comentários)
21/11/2021	Brasil de Pelotas x Botafogo (Série B)	Luis Roberto (narração) Paulo Nunes e Roger Flores (comentários)
21/11/2021	Coritiba x CSA (Série B)	Eduardo Moreno (narração) Carlos Eduardo Lino e Fabiola

		Andrade (comentários)
21/11/2021	Fluminense x América Mineiro (Série A)	Julio Oliveira (narração) Petkovic e Bob Faria (comentários)
21/11/2021	Náutico x Avaí (Série B)	Rembrandt Junior (narração) Cabral Neto e Renata Mendonça (comentários)
21/11/2021	Bahia x Cuiabá (Série A)	Jader Rocha (narração) Pedro Moreno e Roque Junior
23/11/2021	Atlético Goianiense x Juventude (Série A)	Renata Silveira (narração) Carlos Eduardo Lino e Fabiola Andrade (comentários)
23/11/2021	Grêmio x Flamengo (Série A)	Luiz Carlos Junior (narração) Grafite e Paulo Vinicius Coelho (comentários)
23/11/2021	Palmeiras x Atlético Mineiro (Série A)	Milton Leite (narração) Fábio Junior e Roque Junior (comentários)
25/11/2021	São Paulo x Athletico Paranaense (Série A)	Cléber Machado (narração) Caio Ribeiro e Ricardinho (comentários)
25/11/2021	Fluminense x Internacional (Série A)	Luis Roberto (narração) Junior e Roger Flores (comentários)
25/11/2021	Fluminense x Internacional (Série A)	Gustavo Villani (narração) Lédio Carmona e Pedrinho (comentários)
25/11/2021	Santos x Fortaleza (Série A)	Jader Rocha (narração) Paulo César Vasconcellos e Mauricio Noriega (comentários)
25/11/2021	Ceará x Corinthians (Série A)	Everaldo Marques (narração) Alexandre Lozetti e Casagrande (comentários)
25/11/2021	Cruzeiro x Náutico (Série B)	Jaime Junior (narração) Bob Faria e Cabral Neto
26/11/2021	Bahia x Grêmio (Série A)	Daniel Pereira (narração) Lédio Carmona e Ricardinho (comentários)
26/11/2021	Ponte Preta x Coritiba (Série B)	Bruno Fonseca (narração) Carlos Eduardo Lino e Pedro Moreno (comentários)
27/11/2021	Red Bull Bragantino x América Mineiro (Série A)	Jaime Junior (narração) Bob Faria (comentários)
27/11/2021	São Paulo x Sport Recife (Série A)	Jader Rocha (narração) Renata Mendonça e Cabral Neto (comentários)
28/11/2021	Corinthians x Athletico Paranaense (Série A)	Cléber Machado (narração) Caio Ribeiro e Casagrande (comentários)

28/11/2021	Atlético Mineiro x Fluminense (Série A)	Luis Roberto (narração) Roger Flores e Fábio Junior (comentários)
28/11/2021	Atlético Mineiro x Fluminense (Série A)	Rogério Correa (narração) Henrique Fernandes e Ricardinho (comentários)
28/11/2021	Operário x CRB (Série B)	Bruno Fonseca (narração) Pedro Moreno (comentários)
28/11/2021	Remo x Confiança (Série B)	Eduardo Moreno (narração) Conrado Santana (comentários)
28/11/2021	Avaí x Sampaio Corrêa (Série B)	Jota Deschamps (narração) Ricardo Faraco e Roberto Alves (comentários)
28/11/2021	Avaí x Sampaio Corrêa (Série B)	Julio Oliveira (narração) Carlos Eduardo Lino (comentários)
28/11/2021	CSA x Brasil de Pelotas (Série B)	Rembrandt Junior (narração) Cabral Neto (comentários)
28/11/2021	Goiás x Brusque (Série B)	Rhodes Lima (narração) Marcelo Raed (comentários)
28/11/2021	Botafogo x Guarani (Série B)	Jader Rocha (narração) Ana Thaís Matos (comentários)
28/11/2021	Londrina x Vasco da Gama (Série B)	Renata Silveira (narração) Lédio Carmona (comentários)
28/11/2021	Vitória x Vila Nova (Série B)	Thiago Mastroianni (narração) Gustavo Castellucci (comentários)
28/11/2021	Vitória x Vila Nova (Série B)	Jota Junior (narração) Mauricio Noriega (comentários)
28/11/2021	Internacional x Santos (Série A)	Luiz Carlos Junior (narração) Grafite e Paulo Vinicius Coelho (comentários)
29/11/2021	Atlético Goianiense x Bahia (Série A)	

Foi realizada uma análise de todos os jogos transmitidos pela Rede Globo e Sportv da primeira e segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, durante o mês de novembro de 2021. A escolha para o acompanhamento dos jogos ser o Grupo Globo, foi o fato de ser a única emissora do país a realizar uma transmissão completa dos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol e com relação ao mês de análise, foi escolhido em decorrência de ser um período de maior dedicação as transmissões futebolísticas, já que anteriormente, estava ocorrendo a transmissão em tempo integral dos Jogos Olímpicos de Tóquio.

Constatou-se que o Grupo Globo transmitiu um total de 118 de jogos durante o mês estudado, entre as duas divisões do campeonato, sendo 62 jogos da série A e 56 jogos da série B.

O ponto que foi analisado é a participação das mulheres nas transmissões futebolísticas da emissora na competição citada anteriormente. Com base na tabela de jogos apresentada, foi possível constatar que as mulheres atuando como comentaristas e/ou narradoras, estiveram presentes em 31 transmissões, o que representa apenas 26,2% dos jogos cobertos do Campeonato Brasileiro.

Fazendo a reflexão com o restante da pesquisa, mostra que as mulheres estão sim conquistando o seu espaço, em lugares que em um passado recente era majoritariamente ocupado por homens, assim como, estão mostrando para uma sociedade patriarcal e tradicionalmente machista, de que a mulher tem potencial para atuar em qualquer campo, tão bem quanto os homens.

Pode-se citar um fator que contribuiu e infelizmente, em alguns casos ainda ocorre, para a falta de oportunidades para as mulheres dentro do jornalismo esportivo é uma questão social, onde este pré-conceito de que existe profissão para homens e profissão para mulheres, ainda é visto e isso vem enraizado dentro de cada um, desde a sua infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização da pesquisa, coleta de dados e análise do conteúdo, percebe-se que a trajetória das mulheres dentro jornalismo esportivo, pode ser interligada a luta da mulher para ingressar no mercado de trabalho. Uma tarefa árdua, com muitos percalços e desafios ao longo do caminho, mas que em momento algum se houve desistência da busca de seu objetivo.

É importante citar que, as mulheres tiveram o acesso à educação de forma tardia, o que também foi um dos fatores que contribuíram para a demora no seu ingresso dentro do mercado de trabalho. (EQUIPE ÂMBITO JURÍDICO, n/p, 2009).

Olhando para a história, as mulheres durante os períodos da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) e Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), conseguem ser ativas no mercado de trabalho, principalmente dentro das fábricas, em decorrência, de a grande maioria dos homens, irem para o campo de batalha. (LESKINEN, 2004).

Ainda falando sobre o século XX, é uma época de grande importância para as mulheres, já que se iniciam inúmeros levantes em prol dos direitos das mulheres em diferentes intervalos do tempo, como por exemplo durante os anos de 1960, ocorreu a chamada revolução feminina, com a criação da pílula anticoncepcional, o que deu a mulher uma autonomia sobre seu próprio corpo. (MAYARA, n/p, 2020).

E através desses movimentos, é possível constatar a mulher ocupando espaços que até então eram apenas destinados a homens, como no jornalismo esportivo e a própria participação da mulher no esporte. Um âmbito do jornalismo em que as profissionais femininas foram ingressando como repórteres, após como apresentadoras, comentaristas e até chegarem ao posto de narradoras.

Com base nas pesquisas coletadas ao longo do trabalho, foi possível perceber que apesar das profissionais femininas serem a maioria dentro do jornalismo, dentro da editoria do esporte, ainda são a minoria. E isso é perceptível dentro da análise de todos os jogos realizados no mês de novembro

da primeira e segunda divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol, transmitidos pela Rede Globo e Sportv, onde foi apurado que a participação feminina nos jogos como comentaristas e narradoras é de apenas 26,2%, representados em 31 jogos durante o mês de novembro.

Com isso, apesar do número baixo de mulheres como comentaristas e narradoras, é visto que as oportunidades estão surgindo e o mais importante, os meios de comunicações estão acreditando no potencial das profissionais femininas.

Para o futuro, é importante que exista um incentivo da sociedade, englobando, todos os âmbitos, mostrando que as mulheres podem ocupar postos importantes dentro do jornalismo esportivo. Isso pode ser atrelado com uma mudança de postura dos pais durante a infância de seus filhos, mostrando que não existe brinquedo para meninas e brinquedo para meninos, mas sim que ambos podem brincar com tudo.

Outro fator, é a continuidade nas oportunidades destinadas as mulheres para integrarem a editoria do esporte dentro dos veículos de comunicações, mostrando que estão abertos para uma evolução de mentalidade, bem como, abrigando a diversidade dentro de seu quadro de profissionais.

REFERENCIAS

AVENTURAS NA HISTÓRIA, Projeto Lebensborn: A terrível fábrica de crianças nazistas, 2019. Acessado em 16 de setembro de 2021:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-lebensborn-fabrica-de-criancas-nazistas.phtml>

PINHEIRO, Giovana, Persona non grata: o histórico das mulheres nas Olimpíadas, 2020. Acessado em 19 de junho de 2021:

<https://www.olimpiadatododia.com.br/curiosidades-olimpicas/250498-historico-mulheres-nas-olimpiadas/>

CHARTIER, Roger, Do Codice ao Monitor: A Trajetória do Escrito, p 187, 1994.

Acessado em 13 de junho de 2021:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/WXQwxxRhNjfZCbdrKMPXdYw/?lang=pt>

ROCHA, Denise A.B. F. Formação e Monitoramento de Juristas leigos. A Experiência de uma ONG com a Educação Popular na Região Sisaleira da Bahia, 2008. Acessado em 16 de junho de 2021.

ABI, Inter, História do Jornalismo, 2014. Acessado em 12 de junho de 2021:

<https://abiinter.com/sala-de-imprensa/21-historia-do-jornalismo>

COELHO, Paulo Vinicius, Jornalismo Esportivo: os craques da emoção, Rio de Janeiro, 2003. Acessado em 21 de junho de 2021: <http://docplayer.com.br/7803777-Jornalismo-esportivo.html>

<http://docplayer.com.br/7803777-Jornalismo-esportivo.html>

MESSINA, Ágata, Jornalismo Esportivo: os craques da emoção, Rio de Janeiro, 2003.

Acessado em 21 de junho de 2021: <http://docplayer.com.br/7803777-Jornalismo-esportivo.html>

<http://docplayer.com.br/7803777-Jornalismo-esportivo.html>

STEGANHA, Roberta, Jornalismo na Internet: A influência das redes sociais no processo de confecção das notícias de entretenimento e celebridade, São Paulo, 2010.

Acessado em 12 de junho de 2021:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/89508/steganha_r_me_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y

KISCHINHEVSKY, Marcelo, Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. In: RODRIGUES, Carla (Org). Jornalismo on-line: modos de fazer. Porto Alegre: Sulinas, 2009. Acessado em 10 junho de 2021:

DE PAIVA RAMOS, Regina Helena, A imprensa durante a ditadura: vinte anos de silêncio? São Paulo, 2014. Acessado em 16 de junho de 2021: <https://casperlibero.edu.br/graduacao/jornalismo/a-imprensa-durante-a-ditadura-vinte-anos-de-silencio/>

MORELLI, Felipe, Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil, São Paulo, 2014. Acessado em 21 de junho de 2021: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/esporte-na-imprensa-e-imprensa-esportiva-no-brasil/>

ARÁUJO BATISTA, Lucas, A Produção Independente no Jornalismo Esportivo: Uma Análise da Cobertura da Copa do Mundo de 2018, Paraíba, 2018. Acessado em 18 de junho de 2021: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/21432>

NEVES, Thalita, Aspectos da história do jornalismo esportivo, Santa Catarina, 2018. Acessado em 15 de junho de 2021: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sudeste/5o-encontro-2018/gt-historia-do-jornalismo/aspectos-da-historia-do-jornalismo-esportivo/view>

RIBEIRO, André. Os Donos do Espetáculo: história da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007. Acessado em 18 de junho de 2021.

DA SILVA, Maurício Fernanda, Jornalismo Esportivo como área específica na televisão: O pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate Bola, Bahia, 2005. Acessado em 14 de junho de 2021: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93982054208705735375873813744937085693.pdf>

DE ANDRADE DANTAS, Monique, Mulheres no Jornalismo Esportivo, Rio de Janeiro, 2015. Acessado em 14 de maio de 2021: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5635/1/MDantas.pdf>

LEANDRO, Paulo Roberto. Jornalismo Esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessantes em desenvolver carreira política. Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). p.65-74. Salvador, Bahia. 10p. Ano 2005. Acessado em 15 de junho de 2021: <https://www.escavador.com/sobre/3930102/paulo-roberto-leandro>

BACCANI, Edison, Baixo incentivo e pouco investimento: a base do futebol feminino no Brasil, São Paulo, 2019. Acessado em 22 de junho de 2021: <http://jornalismojunior.com.br/baixo-incentivo-e-pouco-investimento-a-base-do-futebol-feminino-no-brasil/>

ZALCMAN, Fernanda, Atlanta-1996: As primeiras medalhas femininas do Brasil, 2020. Acessado em 19 de junho de 2021: <https://www.olimpiadatododia.com.br/brasil/248317-atlanta-1996-e-pequim-2008-as-primeiras-medalhas-femininas-do-brasil/>

MORAES, Leonardo, BELINNASO, Bruna, FERNANDES, Flávia, SCHIMITZ, Antonio, A história da narração esportiva e sua influência no ensino dos esportes na escola, Rio Grande do Sul, 2011. Acessado em 15 de novembro de 2021: <artigo22.pdf> (metodistacentenario.com.br)

GOMES ROCHA, Rodrigo, *Narração Esportiva na Televisão: Precisão, Emoção e Informação*, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2015. Acessado em 23 de novembro: [MONOGRAFIA-NARRAÇÃO-ESPORTIVA-NA-TV.pdf \(ufjf.br\)](https://www.ufjf.br/monografia-narracao-esportiva-na-tv/pdf)

CHAVES, Ricardo, *Rádio e futebol, uma relação de longa data*, Rio Grande do Sul, 2020. Acessado em 15 de novembro de 2021: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2020/07/radio-e-futebol-uma-relacao-de-longa-data-ckd9e817q00ay01472u9vf8jt.html>

POLETTO, Thays Renata, JACINTO, Angélica Pimenta, ANDREATTA, Gabriela Silva, KOTELAK, Gustavo, ALMEIDA, Katherine Loise de Cunha, CAMPOS, Keimilin Thais de, CAVALLI JÚNIOR, Marcelo Ferreira, LAZZARI, Pietro Zeni de, *A transmissão esportiva no rádio*, Curitiba, Paraná. Acessado em 18 de novembro de 2021: 505-Texto do artigo_resumo-1759-1-10-20160505.pdf

AZNAR, Sidney Carlos. *Vinheta: Do pergaminho ao vídeo*, Editora: Arte & Ciência, São Paulo, 1997: Acessado em 15 de novembro de 2021: [Vinheta : do pergaminho ao vídeo \(Livro, 1997\) \[WorldCat.org\]](https://www.worldcat.org/works/oclc/35511111/vinheta-do-pergaminho-ao-video-livro-1997)

SCHETINI, Vivian, *Rádio e Televisão: Levando emoção ao torcedor de futebol*, Juiz de Fora, Minas Gerais, 2006. Acessado em 22 de novembro de 2021: <https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/VSchetini.pdf>

JESUS, Jordane Trindade de, RESENDE, Vitor Lopes, *A televisão e a sua influência como meio: uma breve historiografia*, Minas Gerais, 2013. Acessado em 23 de novembro de 2021: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/a-televisao-e-sua-influencia-como-meio-uma-breve-historiografia#:~:text=A%20partir%20da%20d%C3%A9cada%20de%201970%2C%20a%20televis%C3%A3o%20instaurou%2Dse,feito%20com%20base%20na%20realidade.&text=Enfim%2C%20a%20TV%20come%C3%A7a%20a%20fazer%20parte%20da%20rotina%20social>.

BERGAMO, Alexandre, MICK, Jacques; LIMA, Samuel. *Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país*. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, 2013. Acessado em 24 de novembro: [file:///C:/Users/User/AppData/Local/Packages/microsoft.windowscommunicationsapps_8wekyb3d8bbwe/LocalState/Files/S0/3/Attachments/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese\[701\].pdf](file:///C:/Users/User/AppData/Local/Packages/microsoft.windowscommunicationsapps_8wekyb3d8bbwe/LocalState/Files/S0/3/Attachments/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese[701].pdf)

SOSA, Emilia dos Santos, BONITO, Marco Antonio, Mulheres na narração esportiva, Rio Grande do Sul, pág 2, 2018. Acessado em 24 de novembro de 2021: https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/18357/seer_18357.pdf

MATTOS, Rodrigo, SALDANHA, Marinho, Porque Inter e Fla recebem prêmios diferentes em caso de título brasileiro, 2021. Acesso em 25 de novembro de 2021: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2021/02/20/por-que-flamengo-e-inter-ganharao-premios-com-valores-diferentes-por-titulo.htm>

FERREIRA, Beatriz de Azevedo, Narração Esportiva no Brasil: A Inserção da Mulher no mercado de trabalho, Rio de Janeiro, 2020.

CONTADO, Valéria, Narradora e Desbravadora, 2021. Acessado em 26 de novembro de 2021: <https://olimpiadas.meioemensagem.com.br/editorial/narradora-e-desbravadora.html>

SANFELICE, Gustavo Roace, WERKAUSEN, Marcelo, MONTIN, Joaquim Martín, Educação Física e Televisão: A importância do conhecimento técnico/teórico em esportes para profissionais que atuam no telejornalismo esportivo no Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Acessado em 25 de novembro de 2021: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2016/01/televisao.html>

EQUIPE ÂMBITO JURÍDICO, Mulher e Mercado de Trabalho, 2009. Acessado em 28 de novembro de 2021: <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-64/mulher-e-mercado-de-trabalho/amp/>

MAYARA, Jéssica, Pílula Anticoncepcional: Da revolução à Proteção da Mulher, Minas Gerais, 2020. Acessado em 28 de novembro de 2021: https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2020/08/18/interna_bem_viver,1176871/pilula-anticoncepcional-da-revolucao-a-protecao-da-mulher.shtml

